

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA ARTE-TEATRO

BIANCA CRISTINA OLIVA
GABRIELLA TEODORO LIPPE DE OLIVEIRA

**Intuição como matéria prima
no trabalho do ator:
O escambo de experiências de quem está em cena hoje**

SÃO PAULO
2023

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA ARTE-TEATRO

BIANCA CRISTINA OLIVA
GABRIELLA TEODORO LIPPE DE OLIVEIRA

Intuição como matéria prima do ator:
O escambo de experiências de quem está em cena hoje

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Licenciatura em Arte-Teatro, da Universidade Estadual
Paulista, para a obtenção do grau de licenciada em
Arte-Teatro.

Orientadora: Prof^ª Dra. Máira Leme De Andrade

SÃO PAULO
2023

**Intuição como matéria prima no trabalho do ator: O escambo de experiências de quem
está em cena hoje**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Licenciatura em Arte-Teatro, da Universidade Estadual
Paulista, para a obtenção do grau de licenciada em
Arte-Teatro.



Maíra Leme De Andrade (orientadora)
Universidade Estadual Paulista - Unesp



Lilian De Freitas Vilela
Universidade Estadual Paulista - Unesp

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

O48i	Oliva, Bianca Cristina Intuição como matéria prima do ator : o escambo de experiências de quem está em cena hoje / Bianca Cristina Oliva, Gabriella Teodoro Lippe de Oliveira. - São Paulo, 2023. 164 f. : il. color. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Máira Leme de Andrade Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Representação teatral. 2. Intuição. 3. Método (Representação teatral). 4. Jung, Carl Gustav, 1875-1961. I. Oliveira, Gabriella Teodoro Lippe de. II. Andrade, Máira Leme de. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título. CDD 792.028
------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

Agradecemos a cada um que fez e faz parte da nossa trajetória até aqui, que constitui alguma das nossas camadas, dos nossos nós, a cada provocação e movimento, a cada motivo para o mover e questionar.

Se você nos ajudou ou ainda nos ajudará com a troca, isso chegará até você.

Agradecemos imensamente a provocação, apoio e troca.

este texto foi criado em voz alta
para ser lido em voz alta
para ser impresso em voz alta
para ser publicado em voz alta
para ser partilhado em voz alta
para ser silenciado em voz alta
para ser esquecido em voz alta

Francisco Mallmann

RESUMO

Este trabalho buscou e se moveu através de indagações a respeito da intuição no trabalho do ator, defendendo o uso da intuição como uma matéria prima no trabalho dos artistas da cena. Para isso foi utilizado de práticas artísticas das autoras e de questões levantadas dessas práticas, sendo o diário de bordo uma ferramenta essencial para o desenvolvimento e estruturação da pesquisa aqui apresentada. A base do trabalho conta com estudos em relação ao coração, respiração e inconsciente no trabalho intuitivo. Partindo dos estudos da neurocardiologia, das Teorias Junguianas -tipos psicológicos e sincronicidade- (1921) e do Método, proposto por Lee Strasberg (1987). Por fim, foram realizadas entrevistas com atores, diretores e pesquisadores a fim de complementar as questões apresentadas e buscar entender como o trabalho intuitivo atravessa ou pode atravessar o trabalho desenvolvido por artistas. De modo geral esse trabalho se interessa mais em trazer perguntas, apresentar questões e compartilhar vivências de pessoas que acreditam na utilização e treinamento da intuição como matéria prima do trabalho artístico.

Palavras-Chave: Intuição. Atuação. Treinamento. Jung. Lee Strasberg.

ABSTRACT

This work sought and moved through inquiries about intuition in the actor's work, defending the use of intuition as a raw material source in the work of performing artists. For this, the authors' artistic practices and questions raised from these practices were used, with the logbook being an essential tool for the development and structuring of the research presented here. This work is grounded on the studies in relation to the heart, breathing and the unconscious in intuitive work. Based on neurocardiology studies, Jungian Theories -psychological types and synchronicity- (1921) and the Method, proposed by Lee Strasberg (1987). Finally, interviews were conducted with actors, directors and researchers in order to complement the questions presented and seek to understand how intuitive work crosses or can cross the work developed by artists. In general, this work is more interested in raising questions, presenting issues and sharing the experiences of people who believe in the use and training of intuition as a raw material source in artistic work.

Keywords: Intuition. Acting. Training. Jung. Lee Strasberg.

SUMÁRIO

1. DIÁRIO 1: A VIDA QUE ESTÁ DEBAIXO DAS PALAVRAS ESCRITAS.....	9
2. INTRODUÇÃO AO TEMA - PERSPECTIVAS GERAIS	14
3. O CORAÇÃO E A INTUIÇÃO	16
4. CHAKRA E A INTUIÇÃO	17
5. TEORIAS JUNGUIANAS: TIPOS PSICOLÓGICOS	19
5.1 TEORIAS JUNGUIANAS: SINCRONICIDADE	21
6. O TRABALHO DO ATOR E AS TEORIAS JUNGUIANAS	23
7. LEE STRASBERG	25
8. O TRABALHO DO ATOR E A INTUIÇÃO	31
9. DIÁRIO 2: FALAR COMO QUEM BORDA E TOMA CAFÉ NO FIM DA TARDE.....	33
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
12. ANEXO I - UM DIÁRIO COLETIVO.....	61

1. DIÁRIO 1: A VIDA QUE ESTÁ DEBAIXO DAS PALAVRAS ESCRITAS.

No início do processo, ainda com muitos desejos e buscando caminhos para ir em busca das nossas questões, nos encontrávamos semanalmente para propor práticas que visassem um caminho em busca de entender a intuição na prática, pensamos em partir de poemas e criar, para nós a escrita poética tem muito a ver com o intuitivo, por mais que seja difícil dizer o que é isso, usamos também de práticas relacionadas ao *Método*, de Lee Strasberg (1987). Discutimos muito sobre os pensamentos e definições de *Jung (1921)*, para entender o que era isso que chamamos de intuição e sentimos tanto. Fomos para cena, para o improviso. Depois de um tempo e de algumas mudanças de caminho, decidimos que a troca sobre o assunto nos cairia bem, entender como o outro, outros fazem, sentem e pensam esse lugar, essa ferramenta. Após cada encontro documentamos com nosso diário de bordo como início de processo e seguimos nessa escrita após cada encontro com o outro, esses trechos se encontram aqui no início e também no final e talvez no meio e entre tudo. Talvez tudo seja um diário, de ver como o outro faz, para pensar como fazemos, como fazer. A intuição como ferramenta. Eu faço assim e você?

Diário de bordo encontros iniciais

Dia 1 - 28.06.2022

Diário Bianca

Memória é um negócio doido, transporta com o outro, o nosso, e pode transportar e não querer que transporte também.

Como a gente escolhe e explora? Como a gente explora e escolhe?

Uma frase carrega muito porque eu coloco peso nela, coloco memória nela, história minha. Crio imagens. Gosto de criá-las.

ler é imaginar e querer fugir um pouco. criar é ter que encontrar, eu acho.

Diário Babi

Lemos poemas e contos em prosa do Mallman e da Aline Bei.

Fiquei tentando pegar o ritmo dos sons, a coreografia que a junção das palavras propunha, que os autores propunham. Depois viajar, e inventar meu próprio ritmo, a partir do que aquelas palavras significavam para mim.

Aquele lance de trocar uma palavra do texto por outra inventada, criando poemas próprios, foi lindo. Bianca trocou a palavra "livro" por "tentativa" algo bateu em mim, foi a sincronicidade. Acho que o arrepio nos poemas tem a ver com a sincronicidade.

Dia 2 - 12.07.2022

Diário Bianca

Mostrei uma cena com água do texto da Aline Bei, são muitos copos com pequenas partes de água como a gente. " quantas partes de mim eu deixei para que eu pudesse ser essa julia que sou hoje?" Tela e cena e eu. Às vezes eu não sei o que fazer, mas estar ali, fazendo me leva a lugares, é a resposta que vem do ali, do presente com o que eu preciso fazer.

Diário Babi

A cena da Bianca me lembrou Blueberry night do Kar Wai. Uma certa nuvem onírica, aqueles copos d'água e sua figura se dissolvendo em água sob a mesa.

Sobre os exercícios que fizemos com poemas:

Eu tenho vontade de repetir e repetir. A mesma frase pode se transformar. As possibilidades são uma combinação infinita.

As palavras têm formas. A dança é singular, é de quem fala.

Dia 3 - 19.07.2022

Diário Bianca

Babi mostrou uma cena com uma câmera ou arma, interação/resposta com filme. Foi um sonho dela, mas foi poema de Francisco também.

a vida que está debaixo das palavras ditas.

Diário Babi

Acredito que a intuição, ou seja aquilo que não foi ensaiado, premeditado, está sendo entendida enquanto acontece, é uma espécie de elaboração simultânea. Acontecimentos que só são permitidos e aflorados pelo instante, é a partir de uma abertura absoluta de cada célula para o entendimento do novo.

Dia 4 - 20.07.2022

Diário Bianca

A gente movimenta coisas constantes, em movimento, dentro e fora, o tremor, o formigar, o corpo e as questões, o dentro, da carne. A gente sente que vem? ou vem por não querer, liberdade do vir. A intuição passa pelo coração que acelera, por explodir.

Diário Babi

Tenho ido muito ao teatro ultimamente. Cláudia Abreu, Maria Manuela, Virginia Woolf.

Assistir às três irmãs essa montagem que consegue ser ousada e clássica ao mesmo tempo. Sei que parece contraditório, mas quando digo que é clássico me refiro a um certo respeito ao autor e o peso histórico do texto.

Bianca e eu contaminadas pelas possibilidades da dramaturgia resolvemos procurar um texto para que pudéssemos trabalhar em cima. "Dolores" nos encontrou, não poderia ser melhor. é psicanalítico, contraditório, daqueles que chora enquanto ri. A primeira leitura é pedir licença, entrar em novo território, é erro. Que delícia!

Dia 5 - 26.07.2022

Diário Bianca

A cumplicidade faz o jogo. Estar em conexão com alguém, no momento, sabendo a história e onde queremos chegar, dá espaço para todo o restante. Mas a conexão com a cumplicidade que faz o jogo.

Somos simplesmente aquilo que a gente é mesmo, talvez por isso as coisas se misturem, entre o personagem e nós a intuição. Sou eu vivendo algo talvez um pouco distante de mim, mas sou eu em situações.

Diário Babi

Ensaiar sob o efeito de ter visto Maria Manuela em cena pela segunda vez.

O tempo dilata, fiquei com vontade de mais, muito mais.

Quanto mais nós passávamos o texto eu me desprendia de colocações ignorantemente pré articuladas.

Durante o estudo e entendimento da cena a sós. Cheguei a conclusão que evitaria olhar para Dolores durante a cena. Passar a cena na nossa sala gigantesca me permitiu executar essa ideia com facilidade. Propus então que fizéssemos a mesma cena, porém com um espaço delineado. Aí que o jogo começa.

Dia 6 - 06.08.2022

Diário Bianca

Nossa memória também inventa, na verdade nossa imaginação complementa nossa memória, memória de sensação, de objeto. É difícil não deixar nossa memória ser só imaginação, sair do fingir a ação para sentir, tem que deixar muitas coisas passarem e estar ali, buscando a sensação. A concentração acontece ali, quando eu me percebo e consigo retomar ao meu objetivo, ao aqui e agora. Para a sensação.

Diário Babi

Há tempos não fazia o treinamento. Lá em gramado, na oficina fazia uma espécie de relaxamento diário. Mas não era ativo.

O relaxamento ativo tem uma particularidade, eu silêncio a cabeça, a um nível quase dormindo e acordo meu corpo em um nível preparado para a urgência.

Fazer a memória sensitiva me faz acreditar nos monges budistas quando dizem que tudo tá na nossa cabeça, a gente é quem cria. Tá aí a bebida da manhã pra provar.

2. INTRODUÇÃO AO TEMA - PERSPECTIVAS GERAIS

Conhecimento intuitivo é entendido como um conjunto de saber, de funcionalidade particular a cada ser humano, é uma ferramenta relacionada com o processo de decisão. Esse conjunto de compreensões advém principalmente da auto investigação, sintetizando o conhecimento passado e presente como já pensava o filósofo Kant em meados de 1700. Para Jung (1921) é uma capacidade que pertence ao inconsciente. E para os atores pode ser instrumento de trabalho.

A origem da palavra “Intuição” vem do latim *intueri*, significa considerar, ver interiormente ou contemplar. Para os filósofos gregos o conhecimento intuitivo não utiliza nenhum órgão do sentido, é um tipo de dedução sem apoio físico, está justamente no campo metafísico.

“Conhecimento que, por sua imediatez e clareza, não é precedido de elaboração lógica”.
(michaelis-dicionário, 1998)

Em compensação, há culturas que vinculam elementos corporais às sensações e experiências associadas à intuição. O coração, por exemplo, aparece em muitos referenciais culturais como fundido ao psiquismo, sendo ele indistinguível dos processos psíquicos humanos (CASTRO, LANDEIRA-FERNANDEZ, 2011).

A filosofia milenar yogue defende a existência de centros energéticos localizados em diferentes partes do corpo, e quando constantemente estimulada, oxigenada e treinada permitem uma vida mais clara, e liberta dos sofrimentos. A intuição segundo **Joan P. Miller (2019)** está relacionada com mais de um desses vórtices de energia, que por sua vez estão conectados com órgãos do corpo.

Um dos primeiros pensadores a pesquisar a intuição como inteligência e suas afetações foi o médico Carl Jung, com o desenvolvimento da teoria dos Tipos Psicológicos, e da Sincronicidade, criando uma base sólida na pesquisa do inconsciente humano em meados dos anos 1920.

O diretor e preparador Lee Strasberg em seu método de atuação defende a não tentativa de controle da cena. O ator deve fluir conforme as proposições de seu colega, ambiente e situação dramática. Esse fluir parece estar ligado ao movimento da intuição, que se coloca como matéria prima no trabalho do ator e da atriz.

Será o pensamento intuitivo contraponto ao pensamento racional? Será o coração um espaço de passagem, origem, formação do conhecimento intuitivo? Como o corpo do ator reage quando essa ferramenta é acionada? De onde vem e por onde passa a intuição no corpo do ator em cena? Como a *atriz* e o ator podem exercitar seu eu intuitivo?

3. O CORAÇÃO E A INTUIÇÃO

Diversas culturas ao longo da história entenderam o coração como uma simbologia para o que hoje sabemos serem atividades cerebrais, sendo esse órgão vinculado aos sentimentos, emoções, memórias, dentre diversos outros aspectos do psiquismo como a própria intuição (CASTRO, LANDEIRA-FERNANDEZ, 2011). Na literatura homérica, por exemplo, o coração era tratado como o local onde sentimentos se manifestariam, não havendo distinção entre o psiquismo e o órgão (REALE, 2002).

Atualmente se sabe que o coração realiza sinapses e possui memória, e nesse sentido está se desenvolvendo uma área da medicina chamada neurocardiologia, que começa a ter um maior número de pesquisas devido à importância que se tem dado para o entendimento da relação direta entre cérebro, coração, mente e psiquismo (LASCANI, 2020). A neurocardiologia investiga e busca uma maior compreensão da relação entre o cérebro e o coração, e, sendo uma área muito recente, as pesquisas ainda estão em desenvolvimento e há poucos trabalhos publicados, mas esta área já se mostra promissora inclusive para ampliação de tratamentos de doenças cardiovasculares. (DE LIMA, 2014).

Especialistas da Thomas Jefferson University (EUA), mapearam e recriaram pela primeira vez em 3D a rede neuronal do coração, rede neuronal que pode até ser reconhecida como "cérebro do coração", devido à sua complexidade. Porém como já dito, por mais que o coração tenha sua própria rede neuronal, seu funcionamento só acontece e é mantido com auxílio do cérebro, através de uma rede de nervos, que se assemelha a contida também no próprio coração (GALILEU, 2020).

O coração se comunica com o cérebro por quatro vias: neurologicamente, por hormônios e neurotransmissores (bioquímica), por via biofísica (ondas e pressão) e por interações de campos eletromagnéticos.

Pensar sobre esses estudos em relação ao coração e o cérebro, nos leva a olhar essas respostas inteligentes fornecidas pelo coração, que, mesmo que seja com poucos milésimos de segundo de diferença, é uma resposta enviada do coração, nessa relação direta a mente e cérebro. É como se partisse de outro lugar e não se iniciasse somente na cabeça. O órgão coração, bem como a região que ele ocupa no corpo, pode-se considerar, devido ao seu funcionamento, relacionado à experiência e ao conhecimento intuitivos.

4. CHAKRA E A INTUIÇÃO

Segundo a filosofia milenar Yogue existe um sistema energético, não visível, formado pelos chamados chakras (que significa "roda" em sânscrito.) São centros energéticos, distribuídos pelo corpo e que segundo a medicina ayurveda influenciam diretamente a vida das pessoas e sua saúde, é um ponto de encontro de canais de energias psíquicas. Há sete chakras principais. Segundo o estudioso Joan P. Miller (2019) os Chakras têm formatos de cones, e a energia circula em espiral. Esses centros de energia tem níveis de aberturas e podem ser trabalhados através de meditação, yoga e alguns tipos de terapias.

Os chakras relacionados a intuição são o do “Terceiro olho” ou “Ajna” (nomenclaturas vindas do hinduísmo) e o do "Plexo solar" ou "Manipura".

O chakra do "Terceiro olho" está localizado no centro da testa, entre as sobrancelhas. Tem uma relação direta com a glândula pineal, posicionada no centro do sistema límbico, no considerado cérebro emocional, situado abaixo do córtex, responsável por todas as respostas emocionais. O "Terceiro olho" se ativado é capaz de expandir a visão para camadas mais sutis, internas e não materiais.

O Chakra Ajna se relaciona com o intelecto e está ligado à consciência e à atividade mental em todas as suas formas e graus. Tem também relação com o cérebro e o sistema nervoso central, assim como com os olhos, orelhas, nariz e os órgãos internos. A nível psicológico, propicia a interação da mente e da psique, podendo levar à intuição e à sabedoria. (TAKEDA, 2013, p. 4)

O chakra do "Plexo solar" localizada no centro do peito entre a vértebra torácica e a lombar, fornece energia para órgãos situados em partes do corpo como estômago, vesícula biliar, o pâncreas, o baço e o sistema nervoso. Para os yogues esse Chakra está associado ao modo de relacionar com si mesmos, com as outras pessoas, com a natureza e o universo.

Em outro nível, o chakra do plexo solar está vinculado ao emocional e à habilidade que a pessoa desenvolve para lidar com os conflitos. Está associado à questão do poder pessoal do indivíduo, à sensação de controle sobre a própria vida, ao modo como ele vê a si mesmo em relação aos outros e como estabelece seus relacionamentos. (SAMPAIO, 2012, p. 6)

O "Manipura" Chakra é considerado área de passagem entre os fluxos energéticos das partes inferiores e superiores do corpo, e está relacionado com a glândula timo, importante no fortalecimento do sistema imunológico.

O timo é um órgão linfático, Seu nome em grego, "thymos", significa energia vital, está localizado na cavidade torácica, justamente próximo ao coração. O curioso é que esse órgão vai diminuindo de tamanho ao longo da vida, devido a sua plasticidade, até que na idade adulta é substituído por tecido adiposo, que são células que armazenam muita gordura. O que provoca a diminuição da produção de linfócitos T, (células com funções imunológicas).

Para equilibrar o "Manipura" e o Timo segundo os mestres yogues é necessário o silêncio e meditação. Isso porque a glândula Timo é muito sensível a imagens, cores, cheiros, sons, palavras ou sentimentos, e fica fisicamente maior quando o indivíduo está contente e satisfeito, já com o efeito do estresse, ou da doença no corpo esta glândula diminui.

Os chakras desses vórtices de energia invisíveis estão ligados e relacionados a partes visíveis e materiais do corpo físico. Portanto os chakras são uma maneira expandida de observar o corpo físico, que parte de partículas e órgãos internos para osso e pele e então para elementos não visíveis como os vórtices de energia. Todos esses elementos estão conectados, eles são a complexidade do funcionamento físico.

O corpo quando disponível e sensibilizado para a sutileza do ser, da vida, do eu, do não nomeável, atinge camadas e potencialidades ainda não diagramadas. E aí é que moram as dúvidas e a beleza do trabalho do ator e da atriz, que utilizam o corpo como ferramenta.

5. TEORIAS JUNGUIANAS: TIPOS PSICOLÓGICOS

Carl Gustav Jung, foi um médico psiquiatra suíço, nasceu em 1875 e foi o responsável pelo desenvolvimento da Escola da Psicologia Analítica ou Psicologia Junguiana, que procura explorar a importância da psique individual e sua busca pela totalidade, é na psicologia analítica que se desenvolve também os conceitos como personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo.

Carl Jung passou a vida a estudar as relações do homem com o mundo, analisando os padrões da personalidade e comportamento que compõem as singularidades de um indivíduo. Carl defende que existem duas maneiras opostas de encarar a vida, a extroversão e a introversão. Segundo ele, cada indivíduo parece dividir sua energia entre o mundo externo e interno, em diferentes escalas. Os extrovertidos dirigem sua energia para o mundo exterior, enquanto que os introvertidos para o seu mundo interior. Além disso, Jung dividia em quatro funções primordiais a mente: pensamento, sentimento, sensação e intuição.

“Tipo é uma disposição geral que se observa nos indivíduos, caracterizados quanto a interesses, preferências e habilidades. Por disposição deve se entender o estado da psique preparada para agir ou reagir numa determinada situação.” (JUNG, 2013, p.551).

O pensamento é oposto, porém, complementar a função sentimento. A sensação é oposta, porém, complementar à função intuição. A definição de Sensação, pelo psiquiatra suíço em uma palestra na clínica Tavistock no ano de 1935 foi "A sensação me diz que algo existe, ela não diz o que é esse algo nem outras coisas a seu respeito, ela apenas me diz que algo existe." (Ron Schultz 1994) Enquanto que pensamento é o que nomeia algo, é a função do conhecimento intelectual e da formação lógica de conclusões. A função Sentimento informa o valor das coisas, é a função que avalia as coisas subjetivamente. E a intuição:

A intuição decorre de um processo inconsciente, dado que o seu resultado é uma ideia súbita, a irrupção de um conteúdo inconsciente na consciência. A intuição é, portanto, um processo de percepção, mas, ao contrário da atividade consciente dos sentidos e da introspecção, é uma percepção inconsciente. Por isso é que, na linguagem comum, nos referimos à intuição como sendo um ato “instintivo” de apreensão, porque a intuição é um processo análogo ao instinto, apenas com a diferença de que, enquanto o instinto é um impulso predeterminado que leva a uma atividade extremamente complicada, a intuição é a apreensão teleológica de uma situação. (JUNG, 1991, p.136.)

A Sensação e a Intuição são funções classificadas irracionais, uma vez que a situação é apreendida diretamente, sem a mediação de um julgamento ou avaliação.

Jung traça características de pessoas do tipo Sensitivo, ele afirma que são pessoas que acreditam nos fatos como são, tentam atingir com precisão a percepção daquilo que existe, dão atenção ao momento presente. Essas pessoas têm enfoque no real e no concreto, são voltadas para o “aqui agora”. Pretendem abranger todas as percepções através dos órgãos sensoriais.

A pessoa do tipo Intuição, tem sua percepção dada através do inconsciente e a apreensão do ambiente geralmente acontece por meio de “pressentimentos”, ou “inspirações”. A intuição busca as possibilidades de futuro da informação recebida. A principal característica desta função é que o ser escapa do tempo da realidade e se instala em um tempo mais veloz. A frente do tempo.

"A Sensação constata o que realmente está presente. O Pensamento nos permite conhecer o que significa este presente; o Sentimento, qual o seu valor; a Intuição, finalmente, aponta as possibilidades do “de onde” e do “para onde” que estão contidas neste presente... As quatro funções são algo como os quatro pontos cardeais. Tão arbitrárias e tão indispensáveis quanto estas." (JUNG 1971.p 497)

5.1. TEORIAS JUNGUIANAS: SINCRONICIDADE

Existem no mundo três categorias que movimentam os eventos, são elas: Espaço, tempo e causalidade. No entanto, existem acontecimentos significativos que não são passíveis de serem explicados a partir dessa divisão. Jung explica esse ocorrido a partir da teoria da sincronicidade, que partem do conceito de coincidências significativas e acausais.

"Sincronicidade significa a simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos que aparecem como paralelos, significativos do estado subjetivo momentâneo" (JUNG. 2014,p. 19)

Na época em que Carl Jung pesquisava a psique,o conhecimento científico se dava a partir do conceito de positivismo lógico, ou seja só tinha valor aquilo que era concreto e material.

No entanto, Jung percebe através de sua observação que existem alguns fatores que produzem efeitos e que não são capazes de serem mensurados. São situações que acontecem na categoria tempo simultaneamente, mas de forma acausal, ou seja um evento não é causa do outro.

As situações síncronas ocorrem simultaneamente, porém uma delas é um evento psíquico e outra um evento material. Jung exemplifica essa ideia a partir de uma situação que ocorreu com ele: Enquanto psiquiatra, Carl Jung atendia uma paciente um tanto quanto cética e racional que estava de costas para uma janela relatando um sonho. No sonho ela recebe um besouro, uma joia de presente. Nesse momento Jung escuta um barulho na vidraça, observa que há um besouro tentando entrar no ambiente.

Há nesse caso e em outros, um conhecimento empírico sobre coincidência significativa, que nada mais é que episódios que fazem sentido e levam a mudanças, a conexão de um evento psíquico que se manifesta no físico. Jung questiona (1952): Por que algo imaterial, não pode se materializar?

Para a filosofia chinesa, a lógica e linha de raciocínio, diferente da ocidental , não partia do questionar do que leva um acontecimento a ocorrer e sim que mudanças foram geradas a partir dessa acontecimento, quais as transformações que ele causou. Esse conceito tem muita influência com a teoria da sincronicidade.

Para filosofia Junguiana os indivíduos têm em sua estrutura psíquica uma esfera consciente, menor e limitada. E uma esfera inconsciente que é maior, e subdividida nas esferas pessoal e coletiva. A esfera pessoal vai se desenvolvendo ao longo da vida, e é

constituída de conteúdos derivados da história individual do ser. *Como memórias da infância, repressão de acontecimentos passados e eventos, que não tiveram a força necessária para atingir o limiar da consciência (JUNG, 1921).* A esfera coletiva é mais ampla, são estruturas que nascem com o ser, e os permitem desenvolver comportamentos tipicamente humanos, é constituída de arquétipos e instintos, é o chamado inconsciente coletivo. O conceito de sincronicidade está ligado ao inconsciente, como uma esfera que é atemporal e aespacial. Sendo possível deduzir que a intuição é um movimento do inconsciente.

Jung define inconsciente como: *"Um conceito-limite psicológico que abrange todos os conteúdos e processos psíquicos que não são conscientes, isto é que não estão relacionados com o eu, de modo perceptivo" (JUNG, 1921)*

"Ao lado de conteúdos do inconsciente pessoal, há outros conteúdos que não provêm da aquisição pessoal, mas das possibilidades hereditárias do funcionamento psíquico em geral, ou seja da estrutura cerebral herdada. São conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer tempo e lugar, sem tradição ou migração histórica. Denominada esses conteúdos de Inconsciente coletivo." (JUNG 1921,p. 851)

Dessa forma é possível compreender que o inconsciente é composto por imagens, símbolos, arquétipos, expressões de eventos e coisas significativas, sendo pessoal ou coletiva. Ao permitir que o conteúdo do inconsciente emergja ele pode combinar-se com um impulso criativo, auxiliando em alguma tomada de decisão. Observo aqui a tomada de decisão intuitiva.

Os Arquétipos são símbolos de organização psíquica, são antes de tudo uma metáfora. Dadas a partir das fundições da vida exterior e interior do indivíduo, a conversão dos processos psíquicos em figuras. O arquétipo é a imagem do instinto.

"Pelo grande número de eventos sincronísticos que tive a ocasião de observar e analisar, podem facilmente demonstrar, ter conexão direta com o arquétipo." (JUNG,1990, p. 902)

6. O TRABALHO DO ATOR E AS TEORIAS JUNGUIANAS

O trabalho do ator é a sincronicidade personificada, o corpo em cena é canal, é colocado e atravessa o tempo, e o espaço, é a representação do inconsciente coletivo que se dá através de arquétipos. É a experimentação do inconsciente através do corpo.

A ação do ator, como na teoria junguiana, ocorre em um espaço, em determinado tempo, nasce e ocasiona uma causalidade. No entanto, o contexto da cena pode ser bastante imprevisível e passível de eventos que não se relacionam com essas três categorias, levando o ator e atriz a agirem a partir de outras perspectivas. A simultaneidade é palavra chave para o estado da cena, imprevisibilidade também. O estado presente do famoso "aqui e agora" ocasionam eventualidades quase inexplicáveis, mas que podem ser relacionadas à teoria da Sincronicidade. Jung (1952) aponta certos estados de abertura e disposição corporal para eventos síncronos. O que é o ator em cena se não um feixe aberto e disponível para receber o novo, o "aqui e agora", o presente? se não um corpo aberto para receber e materializar os símbolos produzidos pelo inconsciente, um espaço de sintonia com os diferentes arquétipos que possam ser invocados em cada cena?

Jung também faz associações entre diferentes estados corporais relacionados aos fenômenos psíquicos. O símbolo, fundamental para o trabalho do ator, está associado a uma transformação de energia, e uma transformação do corpo fisiológico para o que o pós-junguiano Arnold Mindell (1992) chama de *corpo onírico* ou *corpo de relação* (BOECHAT, 2017).

As ferramentas de trabalho dos atuentes em cena são subjetivas, de certo modo particulares, algumas vezes causais, e muitas vezes acausais. A criação e repetição é uma forma de provocar essas ferramentas a agirem?

A intuição é uma característica de disposição de personalidade segundo Jung (1952), o ator enquanto pesquisador do humano, deve ter acesso a esses impulsos intuitivos, primeiro enquanto treinamento e depois enquanto ferramenta de utilização em cena. Como treinar esses impulsos inconscientes?

A atriz tem como instrumento de trabalho o inconsciente, seja ele pessoal, ou coletivo. O seu trabalho inclui uma transposição do que é imaterial, para a matéria, do que é aespacial para um espaço delineado, e do não visível, colocado sob a luz, é a transformação dos processos do subconsciente em figuras e imagens.

Jung divide o inconsciente (1983) em pessoal e coletivo. O pessoal parte daquilo que já foi consciente, no entanto foi reprimido. O coletivo enquanto inconsciente se refere a tudo que a humanidade aprendeu e vivenciou e que cada ser carrega consigo. Todo esse repertório é meio de pesquisa para o ator, a composição do seu "eu" é um mapa pessoal e de sua ancestralidade. Mas como acessar isso tudo?

Segundo Jung (1921) o inconsciente pode ser acessado através de imagens. Para o pesquisador teatral Lee Strasberg (1990) uma das ferramentas do ator é justamente através dessas imagens se conectar às memórias do seu inconsciente, provocando sentimentos e sensações físicas que podem ser recriadas.

7. LEE STRASBERG

Lee Strasberg nasceu em 1901 no antigo Império Austro Hungaro, ainda criança migrou para os Estados Unidos e lá se naturalizou como cidadão estadunidense. Foi diretor, ator, professor, preparador e pesquisador da arte da interpretação em meados de 1920. Strasberg começa uma busca efetiva dessas questões através do trabalho desenvolvido por Stanislavski e o Teatro de Artes de Moscou, sendo um dos aprendizes de Richard Boleslavski, mas tendo também contato com outros russos que influenciaram nas técnicas de atuação, com variações, como: Michael Chekhov e Maria Ouspenskaya.

“Mas a representação tem uma história de lutas, progresso e desenvolvimento. Representação... é a habilidade de reagir a estímulos imaginários, e seus elementos essenciais permanecem sendo os requisitos básicos enunciados por Talma¹, sensibilidade incomum e inteligência extraordinária, este último não significando o aprendizado em livros, mas a habilidade de compreender os processos da alma humana. As dúvidas essenciais a respeito da atuação - o ator “sente”, ou apenas imita?, deve falar naturalmente ou retóricamente?, o que é natural”, etc. - são tão antigas quanto a própria arte de representar, e não derivam do movimento realista, mas da natureza do processo da representação.” (STRASBERG, 1987, p. 14)

Strasberg, citado acima, desde o início de seus estudos em teatro, buscou soluções para o trabalho do ator, respostas para suas questões sobre atuação, uma tentativa de decifrar ou explicitar sobre a arte da representação. Os estudos aqui apresentados partem justamente dos trabalhos desenvolvidos por Strasberg e documentados nos livros *Um sonho de paixão, 1987* e *The Lee Strasberg note, 2010*.

A utilização da memória emotiva no trabalho do ator é muito utilizado desde o sistema de Stanislavski, como já citado muitos preparadores/ encenadores e escritores pesquisam e se utilizam desses métodos, trazendo novos elementos e desenvolvendo novas técnicas. Como exemplo, Michael Chekhov, e em seu livro *Para o Ator*, escreve:

O corpo do ator deve absorver qualidades psicológicas, deve ser por elas impregnado, de modo que o convertam gradualmente em uma membrana sensível, numa espécie de receptor e condutor de imagens, sentimentos, emoções e impulsos volitivos de extrema sutileza. (CHEKHOV, 1996, p. 2)

Não distante disso, o Método de Lee Strasberg perpassa e se inicia justamente pelas definições de Stanislavski de, *relaxamento, concentração, memória emocional e memória sensorial*, sendo para ele, a "memória emocional" um do ponto de partida para o processo criativo de um atuante. É visível um processo contínuo de investigação sobre a arte de atuar, tendo sempre dúvidas que estão movendo constantemente, seu trabalho.

No livro *Um Sonho de Paixão*, logo nas primeiras páginas temos as perguntas: *Como é que se constrói uma grande atuação? ; como é possível para ele (ator) sentir de verdade, e, ao mesmo tempo, ter completo domínio do que precisa fazer no palco?; como pode o ator tornar expressivos no palco seus verdadeiros sentimentos?; O ator deve experimentar a emoção que está representando, ou apenas demonstrá-la sem senti-la?*. E com essas questões e questionamentos contínuos sobre a arte da representação que essa busca por respostas resulta no desenvolvimento do método.

A partir dessas e outras vivências com profissionais das Arte dramática da época, Strasberg compreendeu que a experiência emotiva; singular, particular, e localizada no interior de cada pessoa pode ser recriada a partir de alguns elementos sensíveis. Estabelecendo assim as chamadas "Memória emotiva" e "Memória sensorial" como principais instrumentos de atuação do seu Método.

O método passa pelo desenvolvimento e treinamento de ferramentas que podem dar poder ao ator. A técnica ajuda o profissional da área a se tornar mais auto consciente, com domínio do seu corpo, sua imaginação, sua natureza e suas vivências pessoais. O intérprete se torna mais conectado ao seu momento presente, e capaz de navegar profundamente pelo campo da imaginação. *"Se ele [o ator] sabe criar as experiências sensoriais e emocionais apropriadas que motivam e acompanham o comportamento do personagem, estará então cumprindo a principal tarefa do ator: atuar "* (STRASBERG, 1990, p.199).

RELAXAMENTO

O pesquisador enfatiza o relaxamento e a concentração como a espinha dorsal de seu trabalho. Criando o revolucionário relaxamento na cadeira. Que propõe eliminação de tensões e estudo minucioso de seu próprio instrumento (o corpo).

Seu objetivo é relaxar e então controlar os músculos para que eles obedeçam. O ator deve mostrar que pode seguir seu próprio comando e desenvolver a liberdade do hábito.

Sentado em uma cadeira, em uma posição confortável, o ator deve fazer um check up levando a atenção para todo seu corpo, área por área, separadamente. Em seguida, incluir alguns movimentos, acordando e ativando o corpo, liberando tensões desnecessárias ao trabalho. Sons podem ser emitidos para eliminar a tensão emocional. Os movimentos abstratos e a emissão de sons auxiliam o ator a seguir seus próprios comandos e quebrar possíveis hábitos e padrões.

Uma das chaves do método é desenvolver a concentração e o poder de observação do artista da cena, que junto à imaginação, e a criatividade pode expandir a profundidade de seu personagem, sua cena, sua arte. Através do treinamento, o ator se apropria, e ganha domínio de seus músculos e mente. Permitindo um auto manuseio para começar ou parar suas emoções à vontade. A atriz relaxa para assumir, e se apropriar do seu corpo e mente, e se concentra para ter o controle dos objetos imaginários que deseja criar. Sem relaxamento e concentração a atriz não está em condição de fazer pleno uso de sua capacidade.

“A meta básica do treinamento do ator é dar a ele um controle tão completo quanto possível dessas faculdades humanas. Esse controle é o fundamento para a criatividade do ator.” (STRASBERG, 1990, p.133).

CONCENTRAÇÃO

...Isso excita sua atenção, sua imaginação, seus processos de pensamento e sua emoção. Reparou que a concentração do ator aumentava não apenas sua visão e audição, mas todos os seus sentidos, tato, paladar, olfato e sensações motoras. (STRASBERG, 1990, Pág 75)

O processo de concentração se dá junto a imaginação e as memórias², a partir de exercícios de sensibilizam a memória, a ideia é que o ator se concentre em objetos, primeiramente se trabalha com objetos cotidianos, buscando entender aquele objeto com auxílio de todos os sentidos, em seguida, abandonando o objeto, tenta-se recriá-lo com a maior precisão possível, tentando explorar todos os sentidos. Pode-se também fazer a recriação sem ter explorado o objeto antes, exercitando apenas a memória desse material e se o ator estiver com muita dificuldade, utilizar o objeto real. Existe uma “crescente” desse exercício, passando também por sensações, como estar no mar, ou na chuva, ou até a sensação de coceira.

MEMÓRIA SENSORIAL

Os exercícios de memória sensorial treinam o ator para utilizar os seus cinco sentidos e para responder da forma mais completa e vivida possível a partir de objetos imaginários no palco quanto é capaz de fazer com objetos reais na vida. Strasberg defende que os sentidos guardam a chave da vida e da experiência.

No treinamento são usados os objetos imaginários – um copo, uma foto ,o céu, e até mesmo um ser humano – despertando a mente e estimulando a imaginação para entrar em contato com a memória sensorial. Explorando os objetos através dos cinco sentidos, o olfato, o som, o tato, o paladar e a visão.

A partir dessa sensorialidade, o indivíduo em cena reexperimenta as sensações vividas, e não a imitação física do comportamento muscular lembrado. Ou seja, o treinamento não propõe fiscalizar uma sequência de ações, isso seriam imitações e sim testar concentração e resposta, no tempo presente que servem como base para o trabalho do ator.

“Todo ser humano tem memória sensorial, memória emotiva e memória afetiva. Mas dentro do treinamento do ator, é treinado a capacidade de usar isso em cena.” (Estrela-
<https://redesina.com.br/entrevista-estrela-straus/>)

O último estágio do treinamento da memória sensorial é o exercício overall de sensações, como o próprio nome em inglês defini, são aquelas sensações que tomam todo o corpo, e todos os cinco sentidos, como tomar banho, ou experienciar um frio congelante, ou uma febre alta, daquelas que faz todo o corpo ficar mole e causa uma sensação de descontrole

² Quando me refiro a Memórias aqui são tanto a memória emotiva, como a memória sensorial.

muscular. Esses exercícios possibilitam ao indivíduo descobrir restrições, inibições, pontos de constrangimento e preocupações ligadas ao corpo.

No entanto, é um erro pensar que o Overall atinge todas as regiões do corpo simultaneamente e por igual. Cada área do corpo experimenta uma sensação independente e responde de forma diferente. Durante o treinamento de Overall é instruído que a atriz vá aos poucos centímetro por centímetro, movendo cada parte do corpo separadamente para que se torne aberta à sensação. Deve se dizer a si mesmo cada lugar específico onde se está experimentando a sensação geral.

MEMÓRIA EMOTIVA

O exercício de memória emotiva permite a atriz acessar, recriar e reviver experiências passadas intensas de suas próprias vidas, através do uso da memória sensorial e exploração de sua imaginação, concentração e coragem para mergulhos profundos dentro de si.

Acredito que a memória emocional é a chave para desvendar o segredo da criatividade que está por trás do trabalho de todo artista, não apenas do ator. Uma descrição surpreendente e correta da memória emocional está em *O Caminho de Swann* de Marcel Proust – Volume I de *Recordação de Coisas Passadas*. Proust descreve como surgiu a ideia de seu romance enquanto ele estava sentado, tomando chá e comendo um biscoito madeleine (o que consideramos o objeto). Algum sentimento estava tentando se infiltrar dentro dele. Ele tentou pensar nisso, mas não conseguiu. Ele se inclinou para trás (o que nós realizamos em nosso exercício de relaxamento) e ele se lembrou de sua infância, quando recebeu pela primeira vez uma madeleine de sua tia. De repente, a memória voltou a ele, ilustrando não apenas uma descrição clássica da memória emocional, mas a forma adequada de fazer o exercício. Em certo sentido, o romance de Proust é um longo sentido e memória emocional. O artista está moldando, utilizando e comentando não apenas a memória emocional, mas acrescentando sua própria reação a ela no momento presente, criando a relação artística necessária em toda arte. Não há melhor descrição em qualquer lugar técnica ou diferente daquela dada por Proust. (Lola, 2010,p.28)

A memória emocional está no momento presente, é como a memória da experiência passada afeta o indivíduo no atual momento, e não como isso o atravessou no passado. Por isso a necessidade da abertura e escuta para as sensações que vierem, pois serão singulares, vividas e muitas vezes inusitadas. Nunca tentar lembrar a emoção, é uma proposta de Lee durante o desenvolvimento do Método. Quanto menos o ator se preocupar com isso, melhor. Esse é o caminho, as memórias sensoriais são os verdadeiros caminhos para conduzirem a jornada da memória emocional. Pois se não recria o sensorial, não acessa a resposta emocional. As memórias no treinamento são desenvolvidas a partir de retornos conscientes e recriações das sensações pessoais vividas pelo intérprete. *“São gatilhos conscientes para que nosso inconsciente se apresenta em cena. É ativar o sistema nervoso.” (Estrela Straus- Anotações pessoais de Gabriella Teodoro 2021)*

8. O TRABALHO DO ATOR E A INTUIÇÃO

Para muitos atores que não conhecem o Método, as palavras são o que se apoiar, são a realidade que carrega em si um valor intrínseco. Enquanto que o mais importante é o subtexto, o que está acontecendo por trás da linha, o que não é dito, o que no fundo dos olhos, o que tá na "nuca" do ator, o que está presente, mas não é dito.

“É preciso deixar fluir e tentar não reter todos os pensamentos detalhados que sua análise de roteiro inspirou. Você não quer ficar preso na sua cabeça.” (CHUBBUCK, 2018, p.246)

Para dar significado às palavras, deve-se primeiro conhecer a realidade, os pensamentos, sensações e experiências que as palavras representam. Se não se compreende o significado de uma linha e não se entra em contato do porque aquilo está sendo dito pode ter perdido a chave para a cena.

A prova de que a palavra não é o ponto de apoio, e sim as entrelinhas é que durante o treinamento o mesmo monólogo pode ser usado por diferentes atores, portanto memórias emotivas distintas. Cada indivíduo atribui cor e acentuamento de significados diferentes para o mesmo texto, pois são pessoas diferentes, com vivências singulares. O que está acontecendo atrás das linhas, na sensação, no pensamento, criando a situação é a base da cena.

No livro “Como parar de atuar” do preparador Harold Guskin, ele defende o uso da intuição como ponto principal do fazer da atuação e contrapõe a intuição ao intelecto, ao pensar racional “Nos momentos mais conscientes do ator, ele tem menor chance de experimentar uma inspiração. Toda vez que pensamos certinho, nossa intuição desaparece”. (GUSKIN, 2003, P.32)

Para nós, ao acionar determinadas memórias e as criar sensorialmente o ator aciona seu “eu intuitivo”, aquele modus operandi de trabalho em que as decisões e ações não passam necessariamente pelo pensamento racional, e sim fluem baseados em experiências vivenciadas anteriormente. Quando se convoca o inconsciente para a cena, o ator e a atriz

convocam sua intuição, e se essa convocação é realizada com frequência pode-se dizer que a intuição é ferramenta de trabalho. Por isso deve ser desenvolvida, pesquisada e explorada.

Durante as pesquisas apresentadas até então, nos questionamos constantemente: O que é intuição? O que é intuição no trabalho artístico? Existe uma diferença na sua utilização? A intuição tem a ver com a tomada de decisão? Essa tomada de decisão em cena passa por algum lugar específico do corpo? Se a intuição só vem com o aqui e agora, o novo, no presente, como é possível fazer isso no meio da repetição, como se colocar nesse lugar? É pela escuta do outro e sua do dia, do momento? Visto que a intuição pode ser uma ferramenta do trabalho do ator, como eu posso desenvolvê-la? é possível desenvolvê-la? mesmo que inconscientemente?

9. DIÁRIO 2: FALAR COMO QUEM BORDA E TOMA CAFÉ NO FIM DA TARDE

A intuição como ferramenta só é passível de entendimento sob os corpos, para teorizar sobre ela, é necessário uma consciência vívida de cena. Por esse motivo conversamos com atores e diretores bastante atuantes para trocar informações e sensações de como se dá essa intuição do processo criativo ao trabalho de cena. A intenção é que através desse intercâmbio de repertórios possamos investigar o que é e como acionar esse instrumento. De onde vem e por onde passa a intuição no corpo do ator. Pensar como a utilização da intuição reverbera no corpo/ mente dos artistas da cena e como isso pode ser trabalhado em experimentação e criações artísticas.

CARTA ABERTA AO DIEGO

Diego,

Às vezes, quase sempre, as coisas fogem da gente, do controle que achamos que temos, às vezes parece que fogem mas estão ao encontro. Penso na técnica, na importância dela e no quanto de vida estamos colocando nela. Às vezes, na verdade, de novo, quase sempre, olhamos para o outro mas vemos a gente. Olhar para a solidão do outro e ver a nossa, isso é um pouco de vida. Mas eu não sei da solidão do outro. Diego disse que uma diretora disse para ele " Não importa o que você está pensando e vendo, você só precisa estar pensando e vendo" acho que a vida cabe aí e que isso é um pouco desse olhar o outro, eu nunca vou chegar na solidão do outro, verdadeiramente, mas chorar vendo alguém comer uma asa de frango projeta a sua solidão ali, seu medo, pois essa pode ser a maior cena de liberdade para alguém.

O nosso primeiro convidado foi Diego Machado. Ator que iniciou sua trajetória em São Paulo aos 25 anos de idade. Estudou com professores, em sua maioria vindos do CPT. Passou pela escola de Fatima Toledo, e de uns anos para cá se tornou bastante atuante na cena teatral. Em 2016, participou dos espetáculos LEITE DERRAMADO, adaptação da obra de Chico Buarque e O BALCÃO, de Jean Genet, com a Cia Club Noir. Em 2017, esteve em cartaz com o espetáculo A TARTARUGA DE DARWIN, de Juan Mayorga, com direção de Mika Lins.

Em 2020/2021 participou de leituras encenadas como *Memórias do subsolo*, *Louco no oco sem beiras* e *Porta Retrato*, dirigidas por Mika Lins, para o canal virtual do Sesc São Paulo. No mesmo ano, atuou no teatro-filme *Gaivota*, da Cia BR116, com direção de Bete Coelho e Gabriel Fernandes.

Em 2022 esteve em cartaz com *Play Beckett*, uma pantomina e *Três Dramáticos* de Samuel Beckett, com direção de Mika Lins.

No audiovisual protagonizou em 2021 o longa-metragem *Eu sou mas eu*, com direção de Fabio Zanoni e participou da série *Coisa mais linda* da Netflix. Também em 2021 atuou em

Money Dopers e *Marcha a ré*, com direção de Beto Macedo, que lhe rendeu a indicação como melhor ator no festival "Tietê film awards".

Conversa com o ator Diego Machado:

O que é intuição para Diego:

A intuição seria como devo agir em determinado momento. Creio que há uma rapidez de resposta para isso. E a execução disso tem a ver com a intuição.

Diego coloca a intuição no trabalho do ator como uma idéia, e questiona se ela sempre indica o melhor caminho:

Talvez a intuição não significa que dê certo, né? Talvez em um processo de ensaio, por exemplo, você tenha uma intuição naquele momento, um 'eu farei isso dessa forma.' E talvez não dê certo. Mas aí você tem outro momento. Uma outra intuição, 'talvez deva fazer de outra forma'. E também não deu certo. Até que, em algum momento a junção de todas aquelas intuições que não deram certo, casa com algo que deu certo. Seria essa intuição que deu errado também parte da intuição que deu certo? Não sei..."

Ouvir a intuição é ousar nas escolhas? é correr riscos?

"Por exemplo, eu às vezes penso muito em casa, estudando alguns textos. Já aconteceu muito de chegar e bater na mesa é falar assim, 'entendi assim que faz esse texto'. E eu cheguei em cena e a direção fala assim: Por que você fez isso com essa personagem? Não está legal. E é doido porque eu tinha confiado tanto na minha ideia. Então eu acho que eu sou mais medroso, porque eu acho que quanto mais você experimenta e confia na ideia, mais você está entrando nesse processo. Dessas intuições que não deram certo. Talvez seja mais gostoso chegar nesse outro lugar. E eu acho que eu sou mais medroso, porque eu tento correr menos risco, né? Eu acho que eu tento correr menos risco.

A intuição vem da experiência? Diego questiona o lugar das certezas:

Eu acho que a ideia de que a gente vai aprendendo à medida que a gente vai tendo experiência, as coisas vão ficando mais claras... Não sei se isso funciona comigo. Eu acho que eu vou tendo mais dúvidas e acho ótimo. Eu vou tendo muito mais dúvidas a respeito de

como fazer, de como criar. Qual a melhor resposta para isso? Como confiar em mim? Confiar nas pessoas que você está trabalhando?

A sensação do corpo em cena, e a abertura como canal para vida:

Tenho uma sensação de vibração no meu corpo quando estou em cena, quase uma insegurança mesmo, aquele primeiro passo que você dá dentro daquela coxia, é um ponto sem retorno. Se expor num palco, na câmera, esse segundo sabe que você dá espaço e tem muita vida lírica, muita vida. E poucas vezes a gente sente isso e vive isso.

Considerações sobre a conversa com Diego Machado:

Diego chora emocionado enquanto imita uma senhora comendo frango a passarinho. E isso se quer foi o ponto alto de nossa conversa. Ele é um daqueles acontecimentos que muda o destino das coisas, a dinâmica da conversa e a energia do ambiente. Pra melhor, sempre.

Se Diego fosse uma notícia de jornal seria uma daquelas reportagens natalinas envolvendo crianças e cachorros, comove quem lê. Se fosse um vídeo no youtube seria o que assisti impactada no ensino médio, a vida marinha acontecendo em câmera lenta com villa lobos ao fundo. Se Diego fosse um conto seria A terceira margem do rio, isso porque ele me apresentou Guimarães.

Diego foi nosso primeiro entrevistado. Eu venho estudando Jung há semanas, diariamente. E a partir de leitura, muita imaginação e conversas com a Bianca cheguei a lugares, conclusões, dúvidas, pude delinear o que é intuição, ou o que eu acho que é intuição, pelo menos no trabalho do ator. Diego vem para quebrar essas suposições e alguma possível certeza. Destrói com elegância a maioria das coisas que eu delinee sobre o que seria esse conhecimento intuitivo para o ator. Me faz pensar, pensar e pensar.

Diego define intuição como um impulso de ação.

"Minha relação com a intuição seria em determinado momento quando algo aconteceu você precisa agir de alguma forma, isso é intuição."

Mas ele afirma que usar dessa ação de desejos internos não significa necessariamente que dê certo, que aquela ação seja a resposta acertada. Diego considera intuição como resposta imediata do corpo. O que me pega de jeito, me faz inverter lógicas de pensamento, é que para ele essa resposta não necessariamente é a correta. A intuição também erra? De onde vem essa atitude de resposta imediata?

"Que cena incrível. Sabe por que? Porque eu não sei o lugar em que ela tá. Não sei se isso é feliz, se isso é doloroso, eu sei que isso é humano. Porque se 10% do que a gente sente tem nome, esses outros 90% é o que fica na goela."

Frase do Diego enquanto falava da força do não dito, do não psicologizado, do "não sei". Esse 90% não dito me parece que é o que não foi racionalizado, algo que está totalmente presente, no inconsciente. Jung diz que o inconsciente pessoal é composto por cenas muitas vezes reprimidas pelo indivíduo. O que me faz prontamente relacionar com o movimento intuitivo. Um conhecimento não racionalizado, não dito, mas que está lá, totalmente presente.

"O ator em cena é uma cabeça pensante. Há vida". "E na vida, ainda há muito".

Na vida há muito. Muito do não visível, imaterial, irracional e desconhecido. Esses 62 minutos de troca com Diego me deixou com vontade de ir com tudo no que não tem nome.

CARTA ABERTA AO PEDRO HADDAD

Haddad,
É engraçado como algumas pessoas nos lembram da necessidade. Que técnica é importante para caramba! Mas definitivamente o acontecimento existe em um espaço inexplicável. Acontecimento mesmo. A gente se apoia em coisas, na técnica, na prática, mas pra deixar ela coexistir com a vida, para acontecer de forma fluida. Se eu me apropriar de verdade, ela estará presente. Então a resposta é só racional? Dá pra separar a intuição do dia a dia da intuição cênica, elas se atrapalham?

Se intuição é impulso de ação, eu entendo ela quando me atravessa o corpo?

Nossos nós são camadas, que se atravessam entre racional e intuitivo, se o racional vem da cabeça o intuitivo deve poder vir do coração, que responde antes de chegar nesse outro lugar.

O impulso só vem, talvez, pelo controle dessas outras camadas. Não buscar repetição e sim ação do meu eu presente. ativo. conectado.

Pedro Haddad Martins, fez teatro desde pequeno, mas já durante sua graduação em jornalismo, descobriu que era possível ser ator profissional e iniciou concomitantemente um curso profissionalizante em artes cênicas pelo célia helena e junto com outras pessoas da mesma escola fundou em 2000 a CIA Elevador de Teatro Panorâmico. Haddad trabalha como ator, produtor, professor e também é pesquisador. A CIA é ativa desde então, e vem realizando diversos trabalhos.

Conversa com Pedro Haddad:**O que é intuição para Pedro?**

"O que é intuição dentro de uma questão cênica, a gente trabalha muito com esse conceito quando a gente trabalha com improvisação. E eu já conversei muito sobre isso quando eu fiz um espetáculo chamado efigênia, que era um espetáculo que era inteiro improvisado, então todos os 9 atores, sabiam o texto de todos os personagens e a hora, o jogo que proporciona a oportunidade para você ser escolhido ou escolher ser a personagem, e essa escolha, às vezes a

gente chamava ela de intuição, porque de uma maneira a intuição vai te levar para um determinado caminho e outras duzentas milhares de opções vão ser deixadas de fora. Então a intuição vai te levar a fazer um recorte, uma escolha. E quando a intuição é uma intuição treinada. Porque tem essa questão também, a intuição, quando a gente fala na intuição dentro do teatro é interessante falar em ferramenta. Eu acho que ela é uma ferramenta. Porque ela tem utilidade. No sentido grande da palavra, ela vai servir a atriz, o ator, dentro da proposta, dentro de qualquer proposta. E aí a intuição ela pode ser treinada, porque não adianta nada você intuir que você vai fazer uma coisa muito interessante e não tiver meios de realizar aquilo que sua intuição te deu como uma faísca de alguma coisa que aconteceu na hora. Então, quanto mais você estuda, trabalha, treina, mais elementos você vai ter para que quando a sua intuição apitar, você consiga realizar aquilo que ela propôs, dentro do jogo que está sendo realizado. E aí ela vai sendo treinada, porque eu vou começando a intuir mais potentemente conforme eu vou tendo experiência. Porque as vezes minha intuição dá errado, não é sempre que você intui uma coisa que vai dar certo, ainda mais quando você está em um jogo de improvisação.

E você vai treinando sua intuição para perceber, através do contexto que você está uma questão sensível mesmo. Mas envolve um treinamento. Perceber o que seria legal você intuir naquele momento e sua intuição vai trazer todo repertório que você tem técnico, repertório de vida e vai colocar a serviço daquilo, dentro de uma questão teatral, de comunicação enfim, depende do tipo de teatro. Mas quando vocês falaram de intuição, me ocorreu a questão da improvisação e aí a intuição pode ser uma linguagem, mas ela pode ser também um meio. Quando eu falo improvisação a gente pode estar trabalhando através de questões exemplarmente realistas. Que quando for a público, não vai parecer um trabalho improvisado porque foi muito ensaiado, a tentativa é repetir com a mesma qualidade sempre. A Intuição vai aparecer nas escolhas antes do espetáculo. No ensaio. Então a intuição é você escolhendo a todo momento, que ações tomar esteticamente, toda hora, você vai intuindo, quanto mais experiência você tem mais a sua intuição vai dar conta daquilo que você imagina e que a cena precisa.

Intuição e pensamento racional são opostos?

é uma coisa e outra, acho que é tudo junto. Não é uma coisa divina, é uma coisa que você tem porque a experiência fez você intuir. Acaba sendo uma escolha. É racional, mas também

envolve uma coisa, sensorial, subjetiva. Porque existe uma sensibilidade quando você está em cena, na relação com o outro, tem a luz, tem o público, tem o dia que você está, então tem uma questão sensível que é subjetiva.

Pedro se considera uma pessoa intuitiva, tem uma relação particular com a intuição?

Não. Pensando nisso eu consigo separar a Intuição como ferramenta/ técnica, porque eu tenho intuição, quando eu tô improvisando, a intuição que eu falei. Mas na minha vida eu não sei se eu tenho muita intuição não, acho que eu tenho mais sorte.

O que precisa para treinar essa intuição?

A gente sabe que inspiração também não é divino, intuição pode ser uma inspiração momentânea talvez, ela não é divina, pra você ter uma inspiração, para algum cientista, se a gente for fazer de uma maneira mais cartesiana, para um cientista ter uma inspiração, ele precisa ter estudado muito, para conseguir chegar, para o van gogh ter uma inspiração, ele tem que ter a inspiração, mas ele já soube usar o pincel, ele já sabe qual é a tinta, tela, ele já treinou, ele sabe qual é a mistura de cor e aí ele tem a inspiração.

A intuição erra?

Não, ainda mais quando você está jogando coletivamente, porque se duas pessoas tem uma intuição muito brilhante e elas são confrontantes, de maneira que não faz o jogo ir para frente e aí, alguém tem que ceder, mas aí pode ser um jeito que também deu errado, ou você simplesmente faz uma coisa que não reverberou, em ninguém, nem em você nem nas pessoas que estão com você no palco, nem na plateia, ninguém.

A Intuição o imprevisível e impulso de ação.

A intuição se traduz em ação, pra ela existir, pra mim isso vai acontecer nos ensaios, porque aí o objetivo vai ser, você tentar reproduzir aquele brilho da primeira intuição que deu certo.

Qual parte do corpo você acha que a intuição passa?

Eu acho que é completamente cerebral. Acho que é uma coisa e outra mas primeiro passa pelo cérebro aí depois você sente em outros lugares. Eu acho.

Você separou a sua intuição no seu trabalho de ator e a do dia a dia, o que é a sua intuição do dia a dia?

A intuição do dia a dia é melhor hoje eu sair de guarda chuva, mas eu não olhei o tempo. Acho que hoje não vai ser um dia muito legal, acho melhor, não levantar, essas coisas do dia a dia, talvez você tenha uma superstição, ou em outro momento já aconteceu, tem a ver com a experiência, mas essas são as intuições do dia a dia. Ou aquelas, eu to sentindo que eu deixei o gás ligado, daí eu volto do estacionamento porque eu já deixei o gás ligado alguma vez.

Ou pensei em tal pessoa e aí ela me liga no dia seguinte, porque tem uma coisa meio mística também da intuição, como se fosse uma previsão, talvez.

Acho que a intuição é quase a fronteira do racional e do não racional. Porque se a intuição for completamente racional é uma inspiração divina, é um talento eu nasci com isso e aí é meio inspiração para que, qual o contexto a gente está pensando a inspiração, onde?

Considerações a respeito da conversa com Pedro Haddad:

Pedro não se considera uma pessoa intuitiva, mas intui a todo tempo.

A conversa não foi presencial, foi online. E isso diz muito sobre o tempo das coisas. O encontro durou aproximadamente 38 minutos, em uma segunda-feira, após o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, um dia depois do meu aniversário. E isso também revela muito sobre o tempo e as coisas.

Pedro fez um espetáculo inteiro improvisado. Ifigênia. Penso que era um mar aberto de escolhas dos impulsos intuitivos a cada sessão.

Esse repertório quase semanal de improviso, ouvir a si, tomar decisões em cena e dar certo, depois se ouvir, tomar mais decisões e dar muito errado o leva a entender intuição como escolha.

"A intuição é você escolhendo a todo momento que ações tomar esteticamente"

Haddad fala de treinamento da intuição, e de seu uso enquanto ferramenta. A intuição pode ser treinada! Como? Como treinar essa ferramenta subjetiva?

"Quanto mais você estuda, trabalha, treina, mais elementos você vai ter para que quando a sua intuição apitar você consiga realizar aquilo que ela propôs."

Treinar a sensibilidade é um caminho para potencializar essa ferramenta, segundo Pedro. A Intuição tem a ver com repertório técnico e de vida. A ação intuitiva surge como uma faísca, uma ideia. A decisão de ouvi-la e externalizá-la, ou não, é uma questão sensível, e treinável. Considerando que o treinamento do ator é o ensaio do subjetivo, do sensível e não palpável.

"O trabalho do ator é repetir aquilo que um dia já foi intuição."

"A sua intuição pode dar errado, aí você vai treinando para perceber no contexto que você está se aquela ideia funciona. é uma questão sensível mesmo"

Depois de alguns minutos de conversa já estava em um estado de espanto com a objetividade e a clareza a respeito da ferramenta que Pedro tinha delineado. Fiquei achando ele objetivo, me senti intimidada. Perguntei se intuição e pensamento racional são opostos.

Ele me disse que é uma coisa só, *racional e sensorial, subjetiva*.

Haddad fincou meus dois pés no chão com força, me mostrou que intuição não é inspiração, dividido, ou onírico. Intuição é trabalho, é experiência.

Bianca pergunta se ele se considera uma pessoa intuitiva.

"Na minha vida eu não tenho muita intuição não, eu tenho mais sorte"

E que sorte!

CARTA ABERTA A VANESSA

VANESSA,

te ouvir foi como acessar um encontro com tudo que senti, tudo que pensei do sentir, foi estar de cara com o que se passa aqui, em mim, como se explodisse um monte de coisas e pensamentos, de sentimentos transpassados por palavras, parece que você estava ali ouvindo nossas conversas, como uma mosquinha, os pensamentos que vão de encontro que movem tanto quanto os que vão para o lado oposto.

O racional não anula o intuitivo, é o caminho de passagem, de impulso de ação, assim como o racional às vezes vai por lugares que são escorregadios, outras vezes é até bom escorregar. Eu me estruturei para dar mais espaço e caminhos para o inconsciente brincar, dançar, respirar. Respirar como caminho, para trazer e levar. É memória inconsciente, é coração, caixa torácica e um pouco de rio, na verdade pode ser barragem, primeiro é muita água junta e depois a água toda segue ali mas você controla diferente.

Vanessa Bruno é atriz, diretora, pesquisadora e arte-educadora, se formou em cinema pela FAAP e é mestre em Artes Cênicas pela USP, suas pesquisas e interesses dialogam cinema, literatura e teatro. Durante muitos anos participou do CPT, primeiro como atriz e depois começou a ministrar aulas para atores no curso Introdução ao Método do Ator CPTzinho. Ganhou alguns prêmios como: “Prêt-à-Porter 9” (Prêmio Shell - categoria especial) 2008 e 2006 “Pedra do Reino” (Prêmios Bravo!Prime, APCA e Contigo!).

Conversa com Vanessa Bruno:**O que é a intuição para você?**

A intuição para mim é algo muito forte, e ela é uma voz concreta que é como se fosse uma guia por dentro. Porém, não é ela que é estruturante do meu trabalho. Então eu estruturei meu trabalho para não precisar dela, mas é ela que movimenta tudo, o que eu acho curioso. Eu acho que tem aí um paradoxo. Eu saio de casa para uma aula, para um ensaio, ou como

atriz para adentrar aquele jogo com outros atores ou para conversar com a direção com um preparo. Eu não saio pensando 'deixa eu ver o que a intuição vai me guiar'. Eu organizo: quais procedimentos eu vou usar neste trabalho, como vou organizar o passo 1, o passo 2, o passo 3... se esse passo falhar o que eu tenho na manga? Ou numa aula, como vou começar, como vou terminar, aonde quero chegar, qual o meu objetivo, que exercícios eu tenho, que exercícios faço se faltar muita gente. Eu vou estruturada, e com essa estrutura eu coloco em jogo a intuição. Então eu não tenho a obrigatoriedade de fazer o que eu me programei, mas eu tenho uma combinação, uma preparação, uma organização.

Eu gosto de estar com o processo organizado, documentado num caderno, fichadinho. Mas eu chego e também recebo aquele ambiente, e isso para mim é estar aberta à intuição, que é essa voz guia interna que você vai ouvindo também. Você vai com duas mãos, uma ali para receber e outra com uma proposta. Mas não há só a proposta, há uma mão aberta ali também para receber. E eu acho que esse receber tem a ver com a escuta, a escuta do ambiente, a escuta de quem tá te trazendo, a escuta dos outros, e a escuta também disso que eu acho que a gente pode chamar de intuição. Poder se ouvir. Para mim [a intuição] tem a ver com uma escuta interna mas também estar muito atento ao externo e aos outros, mas que eu não sou dependente, porque tem uma programação que para mim é muito clara. Eu não fico achando que todo trabalho vai ser guiado pela intuição, mas me vejo também sendo muito guiada por ela.

Eu vejo o quanto sou intuitiva no sentido de 'vou por aqui porque acho que aqui que vai', e aí não preciso ficar amparada no que eu já preparei. E aí é uma coisa muito muito subjetiva e muito particular. Então para mim é uma voz, uma conversa minha comigo mesmo que vem muito rapidamente - não é algo que eu faça algum esforço - mas é uma escuta, uma escuta para mim mesma, e dá essa sensação de conexão, de estar ali com o externo, com os outros, mas também muito com você. Para mim essa conversinha interna é a intuição: vai por aqui, por aqui não, essa música não é. Como você pode explicar uma coisa dessas? Porque é uma questão de sensibilidade?

Essa vizinha que te fala vai por aqui, ela sempre acerta?

Na verdade eu acho que é um acerto que não necessariamente é para o mundo ou para o outro, mas encaixa na sua sensibilidade. Então o acertar seria acertar na sua sensibilidade ou até na sua expectativa. Porque às vezes você está vendo uma cena ou um ensaio e você

tem uma expectativa e entra um elemento e seu corpo reage. Há uma reação que é física, corporal e que seu corpo sente e diz: é isso. Então não sei se acerta ou se é uma sensibilidade que encaixa ou até supre uma expectativa que é atmosférica, você não consegue nem dizer o que que é, mas chega aquele elemento e você diz: é isso. Ou quando você está propondo procedimentos para construir uma cena e vem uma imagem que te chama e você diz 'olha, isso!'. Esse 'olha, isso!' é também uma teatralidade, quando desperta um interesse. Esse interesse é o que me chama a atenção, muda meu estado corporal e é também o que eu entendo por intuição. A intuição dizendo 'aqui, vem por aqui'. Mas depois de 10 ensaios aquilo também já se transformou em outra coisa. Então aquele encaixe, que não é exatamente um acerto, ele funciona para um determinado dia ou determinado momento e talvez ele floresça em alguma coisa. Ou também já tive cenas trazidas no primeiro dia do ensaio que viraram a última cena do espetáculo e eu sabia: 'isso daí é a última cena do espetáculo'.

O Peter Brook falava de uma *ideia amorfa*. Quando ele foi fazer *A TEMPESTADE*, ele disse que a primeira imagem que veio foi um jardim japonês. Agora, porque disso, ele não saberia explicar, justificar, fazer um texto. Ele foi falando isso para as pessoas e aí vinham referências. No final, ele foi retirando esses elementos e ao assistir o espetáculo disse para si mesmo: 'ah, isso é um jardim japonês!'. Então aquela primeira ideia que ele foi seguindo e se desfazendo no final estava ali de alguma maneira no final. Então eu acho que temos uma intuição ou *ideia amorfa* que tem a ver com um 'ah, é isso' que não tem muito como justificar, mas que vamos encontrando os porquês daquilo ao nos cercamos de materiais teóricos ou filosóficos.

Meus trabalhos têm muitas justificativas: precisa disso? Está compondo ou não? Qual o objetivo disso? Para convencer sobre o que? Mas também tem muito de 'eu quero que seja assim, gosto. Eu acho que o 'gosto' também tem que ser respeitado e tem um papel importante, que diz sobre nossa sensibilidade, vontades, desejos que nem sempre são conscientes e que portanto nem sempre podem ser explicados.

Guidi, quando termina uma obra escreve: 'você pode me dizer o que essa obra diz. Porque eu não sei tudo que a obra diz. Porque eu gostaria de saber o que eu coloquei ali sem saber, aquela parte do inconsciente que me agradaria chamar *parte de Deus*'. Há uma parte que não precisa justificativa, que nos tocou, que bateu na nossa intuição.

Se você disse que é possível educar a intuição, como se dá isso?

Eu acho que a gente educa a intuição, da mesma forma que a gente educa também a sensibilidade. Uma forma de fazer isso, por exemplo, é se cercando de referências. Uma pessoa que tem 18 anos e tem um tanto de referência, suas experiências de vida formam um arsenal de referências, dá um composto. Se você vai ampliando suas experiências você vai aumentando esse composto. O Antunes Filho dizia muito dessas referências, uma hora aquilo vira e faz parte do teu inconsciente, e então aquilo aumentou seu repertório. Isso vai te dando ferramentas para pensar as cenas e isso te transforma, e vai podendo te gerar outra intuição. Se você não tem esse repertório a tua intuição não se abre ali. Se ela é um rio, ela navega dentro do que você vai iluminando, dentro do que você vai acessando.

Não acho também que é só quem tem acesso a um repertório cultural é que tem intuição. Não é que uma coisa ampute a outra. Mas o repertório cultural pode ampliar o seu acesso a, naquele momento, resolver uma cena, ou uma movimentação ou uma criação de gestual, ou de uma dança ou fazer conexões que, se você não tem, você não faria. E você fala 'ai, foi minha intuição': foi minha intuição ligada a um repertório, que você vai educando ao longo dos anos. E mesmo quando você faz exercícios como de se lembrar dos sonhos ou exercícios de se autoconhecer, se auto pesquisar, coisas vão se abrindo e você deu uma cama para isso ir se abrindo. Tudo é repertório.

Se você fosse dizer um lugar onde a intuição passa, onde você diria? Um lugar onde você sente mais no seu corpo.

Eu acho que tem uma coisa meio cardíaca mental, uma coisa que tem a ver também com respiração. Esse aspirar, aspiração... você inspira, respira, inspira e expira e aquilo vai abrindo sensações. O oxigênio que passa no seu corpo todo ele te transforma e ele te traz uma nova conexão, uma nova sinapse. Quanto mais você respira mais caminhos vão se conectando. Então também acho que é científico.

E também acho que quanto mais o corpo está relaxado e com os os poros sensíveis, no sentido de disponível, poroso, estar passando ar nos poros, mais eu acho que esse campo da intuição se abre, no sentido de intuir, se deixar fazer novas sinapses. Não tinha aquilo, aí faz um novo caminho elétrico dentro do meu cérebro que eu acho uma coisa. Então como eu vou iluminando outras partes para poder ir caminhando de um outro jeito. Então também tem essa

coisa de se preparar, respirar, tem a ver com aquecer, se colocar a vontade naquele espaço. Fazer perguntas, que eu acho que tem muito a ver com a intuição. Esse tipo de coisa vai abrindo e eu acho que aí vai no corpo, talvez acenda mais esse lugar do cardíaco-cabeça.

Quando você está dirigindo você consegue perceber o ator tomando uma decisão intuitiva?

Na verdade eu gostaria que os atores estivessem assim em toda cena. Eu vejo que eles não estão quando ele começa a fazer perguntas do que ainda virá. Aí eu respondo assim: 'experimenta'. É algo que eu falo assim 50 vezes durante o ensaio. Essas perguntas completamente racionais me dizem que já não está em experimentação.

Quando ele [ator] está em estado de experimentação aí gruda tudo: a intuição, a ideia, novas coisas, o tempo, o aqui agora, respiração. Porque aí ele não tá querendo saber de antemão como ele acerta, ele está no jogo. E quando está no jogo você não tem o que dizer. Porque um tanto de coisa na nossa obra estava presente, fazia sentido, estava vivo. Agora, quando não está lá no jogo é que se esvazia a experiência e você se vê pensando.

E nós temos muitas camadas, e nunca vamos ignorar o texto ou a dramaturgia, mas esse estar 'aqui agora' é fundamental. E o novo só vem com o 'aqui e agora'? Como é possível se colocar nesse estado presente no meio da repetição?

Eu adoro a programação, mas o que vale é estar presente fazendo isso naquela experiência, naquele estar aqui e agora. O Antunes Filho, por exemplo, na época do CPTzinho, chamava a programação não de partitura mas de 'estações'. Então você estabelecia suas estações, e uma estação pode ser você estar sem gesto nenhum, estar ali e olhar alguma coisa, pode ser uma cor, uma música - não é uma situação, é uma estação. De uma estação para outra existe uma navegação, e essa navegação quem dá é a respiração. E pode ser um milésimo de segundo, mas essa respiração deixa vir.

Essa respiração interfere no real, é uma ação que está acontecendo naquele momento presente, uma ação que interfere nas suas moléculas, na do outro, naquele dia naquele estado. E há também o que é você naquele dia, que não é o que você era um minuto atrás. Isso para mim é a mesma coisa que o Zé Celso fala sobre atuação ou ato: quando eu vou lendo outras pessoas vou vendo que, de alguma maneira cada um tem sua nomeação e seu modo de

explicar, mas todos chegam nesse lugar de estar vivo, presente, fazendo aquela ação concreta no aqui e agora e interferindo com mais ou menos ficção, amparando ou não. E a respiração está entre essas estações e nos conecta com algo muito concreto: 'eu to vivo aqui'.

O Jung fala no seu trabalho sobre a sincronicidade, e estávamos supondo que a intuição pudesse ter a ver com a sincronicidade, uma ação que foi gerada pelo acaso. Como é a sincronicidade no seu trabalho?

Não é algo que eu controle, como 'hoje vai acontecer uma sincronicidade'. Mas eu acho que a gente abre caminho, abre campo para que, quando ela venha, também estejamos abertas a perceber e receber. Então eu acho que é no sentido de estar atento e preparado. Como dizia o Peter Brook, você sai todo dia para pescar, se você pesca o peixe dourado... talvez ele não venha, mas você sai, pescou, tirou a escama, trabalhou... Eu acredito muito no trabalho, ainda que você esteja completamente disponível e aberto para receber e perceber a intuição e a sincronicidade. É preciso poder trabalhar sem depender inteiramente dela, há uma estrutura que precisa dar conta do aqui e agora. Então eu espero perceber as sincronicidades quando aparecerem, que estejamos abertas a percebê-la e a sacar. Às vezes está lá e a gente não pegou.

Você acha que intelectualização e fluxo são coisas opostas? E onde está a intuição nisso?

Eu não acho que há o mental e há o intuitivo. Eu acho que há dias nos quais estamos mais intuitivos, mas também trazemos a intuição mais pra consciência, para estrutura. Há dias que estamos muito conscientes, chegamos lá e não dá nada certo ou dá, e aí a intuição aparece de um outro jeito. Eu não acho que é só uma coisa ou outra. Eu acho que é uma conversa, não acho que é só uma coisa ou outra. Então eu não acredito que tal artista seja muito mental e tal outro seja muito intuitivo, acredito que há dias e vezes nos quais as coisas se estruturam mais de uma ou outra forma. Em muitas coisas consideradas mentais há tanto de intuição, de coisas não conscientes. E eu acho que isso é bonito do trabalho de vocês, que a intuição é diferente para cada um, e então surge a pergunta de 'como a gente descobre a nossa própria intuição? Como a gente acessa? O que a gente faz para estar relaxado, tranquilo ou ativo para essa intuição estar fluindo em mim?'

Considerações a respeito da conversa com Vanessa Bruno:

Vanessa e Clarice, a força do sensível e quem eu quero ser.

Vanessa me fez pensar na delicadeza, despretensão e fertilidade da transmissão oral, falar como quem troca receitas, como quem borda e toma café no fim da tarde, esse escambo de experiências de quem está em cena hoje.

Vi Vanessa em cena com o Livro dos prazeres, não antes do nosso encontro, mas depois. Pude perceber não antes ou depois, mas durante o encontro que Vanessa está tomada de Clarice Lispector, repleta do seu campo amorfo e sensível.

Guia interno, assim que ela define intuição a partir de sua experiência. E diz que é preciso escuta e “canal aberto” para o recebimento deste guia.

"Não é ela que é estruturante do meu trabalho, no entanto é ela que movimenta tudo. Um paradoxo."

A intuição se dá através da abertura para o recebimento do que vem do ambiente, e do outro, para Bruno a intuição é um diálogo interno, é uma auto escuta. É a beleza do “canal aberto”.

Dia 30 de Novembro de 2022, um dia antes da conversa com Vanessa eu fui pra rua, e tive uma significativa elaboração do que é o amor. Identifiquei justamente como um canal, que se aberto permite a ação. Já tinha lido sobre como as plantas se alimentam e que o movimento no processo de fotossíntese tem a ver com a energia do amor. Mas entendi na prática, após o segundo turno das eleições presidenciais, quando pisei na rua, que o amor é força, faz movimentar e tem inteligência. O amor é do campo do sensível, bem como a intuição.

Assim como Clarice, Vanessa coloca a inteligência do sensível na esfera do visível, do quase palpável. Ela trata de assuntos internos e subjetivos com uma intimidade que acolhe.

"A intuição é quando há uma conexão e imediatamente o corpo reage, é uma sensação física, seu corpo reage, é isso!"

Ela diz que intuição tem a ver com sensibilidade, é subjetiva e particular. E usa do conceito de idéia amorfa de Peter Brook, para afirmar que essa imagem sem forma, que é a ideia, parece estar no território do intuitivo.

"A gente tem uma intuição ou uma ideia amorfa, não sabe explicar muito o porquê, que tem a ver com interesse, tem a ver com bateu na sensibilidade, meu corpo reagiu, a gente não sabe explicar. Depois a gente vai atrás das justificativas."

Meus momentos preferidos da conversa são quando Vanessa cita Kazuo Ohno ,Peter Brook ou Antunes Filho de cabeça, com ponto, vírgula, exclamação e intenção. Acho bonito como esses pensadores-atores passaram por ela, e ficaram.

Ela diz que o processo intuitivo do ator pode ser treinado. Através de ampliação de referências e repertórios culturais que permitem a dilatação da visão de mundo.

"Se a intuição é um rio, ela navega a partir de onde você vai iluminando e acessando."

A intuição é cardíaca mental (Ela diz isso enquanto faz um gesto com a mão subindo do peito, passando pelo pescoço, e parando no topo da cabeça.) E tem a ver com a respiração.

"Quanto mais você respira mais caminhos vão se conectando, porque as sinapses são feitas pelo oxigênio que passa ao organismo".

No dia 30 de novembro, ainda no carro, antes de chegar nas ruas, ouvi o discurso do presidente eleito e junto a meus amigos soltei um suspiro aliviado pela boca. Uma expiração que estava sendo segurada há tempos, que vinha de uma inspiração feita há 4 anos. Soltei, foi ai que oxigenei todo o corpo possibilitando o canal aberto para a intuição e o amor.

CARTA ABERTA AO FERNANDO

Nando,

Uma vez, ouviram dizer pra gente que o racional era o mais importante, mais importante que o intuitivo, disseram que o intuitivo erra, mas o racional não erra também? Se eu fosse boa em matemática, ousaria fazer uma porcentagem, se usamos muito mais o racional, é ele que tem mais erro, não é?

Já ousaram dizer tantas coisas, a gente ousa dizer demais e racionalizar tudo que atravessa, na verdade, não que atravessa, pois eu fico pensando que as coisas que atravessam a gente, param a gente de uma forma boa, porque fazem a gente só sentir aquilo e depois que processamos. A intuição, que é essa ação, gera impulso e depois a gente tenta entender aquilo que nos moveu.

Nando, a arte e o vejo que eu vejo em você e no seu fazer arte, realmente podem ser um exercício pra intuição, eu também sinto. Aciona um lugar que movimenta outras coisas na cabeça, no corpo.

Aqueles acessos todos que misturam todas as coisas que a gente já viu de arte e nos atravessou. Isso me lembrou de um sonho, que na verdade eu sonhei porque enquanto eu ouvia uma orquestra minha cabeça se encheu de imagens, eu queria começar a fazer arte ali, mas não pude, aí eu sonhei com tudo que quis fazer naquele momento. Arte movimenta as partes mais subjetivas que existem na gente. Movimenta sonho e também é treino também.

Fernando Alves Pinto é ator, músico, marceneiro e yogue. Começou a carreira no teatro, fazendo algumas peças no LaMama (Nova York), incluindo uma participação em um espetáculo de Molière. Entrou em uma companhia de teatro físico, em que a base é mímica e protagonizou o filme “Terra Estrangeira” (1994), de Walter Salles e Daniela Thomas. Recentemente, atuou em produções significativas como as séries “Sentença” (2022) de Anahí Berneri / Marina Meliande (Amazon) e nas duas temporadas de “Hard” de Rodrigo Meirelles (HBO). No cinema esteve em “Vou Nadar Até Você” (2020) com direção de Klaus Mitteldorf e “Legalidade” (2019) de Zeca Brito, entre outros trabalhos. No teatro participou

do espetáculo “A Vida em Vermelho” (2018) com direção de Bruno Perillo; musical “Cartas de Amor” (2012); “A Mulher Que Ri” (2008). Atuou em filmes como “Nosso Lar” (2010); “Dois Coelhos”, de Afonso Poyart (2009); “A Via Láctea” (2007); “Araguaya – A Conspiração do Silêncio”, de Ronaldo Duque e em “Quase Dois Irmãos”, de Lúcia Murat (2004). Curtas-metragens fez “Negócio Fechado” (2001), de Rodrigo Costa e “Quatro Minutos” (1997), de Sérgio Volpi (prêmio de ator nos festivais de Brasília e Gramado).

Recortes da entrevista com Fernando:

A intuição é muito mais que o raciocínio:

A intuição é uma percepção além do pensamento. Uma percepção independente do raciocínio, mais sensível do que o raciocínio permite. Minha intuição, ou talvez a intuição, seria os eventuais acessos que a gente tem a uma iluminação dessa. É como se se abrisse uma tela para se enxergar além, se enxergar além do que se pensa, do palpável. A intuição são iluminações.

São ouros que aparecem. Quando eu tive aquele acidente eu lembro de ter alguns momentos, coisas que eu sabia, não por um raciocínio, mas que eu sabia. Meu pensamento, estava cansado, danificado então não tinha o pensamento na frente. Logo o que eu tinha eram percepções.

O silêncio como ferramenta para treinar a intuição:

Uma vez que a gente começa a dizer que aquilo lá é um copo, aquilo ali deixa de ser o que é para ser um copo. Isso daqui deixa de ser o que é para ser uma almofada verde. O nome da almofada fica antes do que ela é. O raciocínio é o dono da verdade, e a gente deixa de ver as coisas, porque as coisas já estão classificadas, não são o que são, são o que a gente está dizendo, que elas são o que disseram para a gente que elas são. Então. O que é intuição? Quando ultrapassa essas prisões aí que a gente tem no raciocínio? São como exercícios. Exercícios de contemplação. Que a cultura oriental tem muito mais que a nossa.

Prezar o silêncio, a contemplação, o silêncio desse computador (raciocínio) que não cala a

boca. Tem as práticas para isso, a meditação, por exemplo, ou yoga, a arte marcial. Coisas que partem do silêncio para poder enxergar. E a intuição vem como flashes porque conseguimos escapar da prisão da cabeça. Outra forma de silenciar é através do consumo de arte. Arte é meditativa. Ler também é meditar. Porque te força a ver as coisas por um outro ponto de vista, por outro lado, de outra forma, expande.

A cena é meditação:

A arte é um campo que propicia isso? (A intuição) Sim. Sem dúvida. Mas também depende do quanto você está presente. Cada repetição que a gente faz é impulso infinito para onde você pode desenvolver, cada peça é infinita para onde você vai. Não é tão claro para mim. Pode parecer um pouco confuso para mim. A ideia que eu tenho de inspiração é a de intuição. Então faria sentido a intuição em cena. Porque deve estar aberto a ela. Estar em cena é estar intuindo as coisas. O divertido da intuição são flashes maravilhosos que a gente permite que chegue. E quando se tem uma disciplina do silêncio pode te fazer ficar independente do seu raciocínio, colocar o raciocínio no lugar dele como só uma ferramenta. O raciocínio é uma ferramenta que nem um alicate. Não, ele não é o dono da verdade, ele pode te mostrar alguma coisa, mas você tem outras ferramentas.

Quando se está em cena concentrado, parece que você entra em um lugar em que tudo flui e funciona, quando você está concentrado, você está aberto, você não está preso nas suas preocupações. Você está com um canal aberto, a mente limpa.

O Palco é seu corpo:

Quando se está aberto, tem essas iluminações você sente que seu corpo é o palco inteiro e o seu corpo é tudo, é parte do corpo. A intuição se sente no seu corpo todo, e muito além, integrado com o todo.

Intuição é maior que o conceito de intuição:

A intuição é superior a divisão de consciência e inconsciência, ela está no supraconsciente.

Considerações a respeito da conversa com Fernando Alves Pinto:

Fernando fala mal de psicanálise, e eu defendo Freud. Crítica Harry Potter, eu digo que é minha literatura de infância. Ele medita e resolve as coisas com calma, eu não consigo passar por um conflito sem pelo menos três surtos e mudanças de opinião repentinas.

Fernando ainda vai zerar tudo.

Acontece assim, a gente é quem a gente é, que é uma mistura do que falaram pra gente que a gente é, e do que a gente realmente é, parece confuso, eu sei, mas a gente fica sendo essa confusão. Então de repente a gente encontra uma outra confusão, outro ser que desconfia que sabe quem é. A gente se apaixona, as nossas confusões se apaixonam, os "a gentes" que pensam que sabem quem são se apaixonam. E então viramos uma terceira coisa, o que a gente era, o que nós somos, e o que transformamos o outro a ser. Esse é o encontro do amor, que zera tudo. A harmonia perfeita do caos identitário.

Fernando disse que uma vez que a gente fala que um objeto é determinado objeto, ele passa a ser essa nomeação e não o próprio objeto.

"As coisas não são o que são, são o que disseram pra gente que elas são."

Segundo Fernando a intuição pode ultrapassar esse conceito da nomeação da coisa, pois é uma percepção além do pensamento, independente e muito mais que o raciocínio, é sensível, e eventual, é o enxergar além do palpável.

Fernando ficou dias no que não é palpável, em coma depois de um acidente, e isso pauta sua visão de mundo. Ele se refere ao período, enquanto um momento em que o raciocínio não era rei. Um momento de relaxamento cerebral e descoberta de possibilidades. Quando pergunto como esse período ficou no seu corpo, ele responde "Como silêncio".

O silenciar da cabeça, esse é um caminho que é proposto por ele para o acesso ao intuitivo.

"Os exercícios de contemplação permitem e geram aberturas para essas iluminações. O silêncio é a chave. A intuição são flashes de lucidez, que a contemplação e o silêncio podem dar acesso".

O consumo de arte é forma de meditar, segundo Fernando, ler é meditar, há mergulho, há profunda concentração e aprofundamento se constante e sem interrupções. A arte é forma de silenciamento, de estado observativo. Possibilita outros pontos de vista e expande o pensamento.

Logo eu que sempre gostei de arte, e pensei demasiado, eu que às vezes acho impossível silenciar o raciocínio. Que vivo cheia de pensamentos esbaforidos e incompletos me perturbando de minuto a minuto. Eu que acho que as coisas são os seus nomes, e que vivo de apelidos. Logo eu, me vejo em uma quinta feira a noite sentada no tapete colorido no

chão da sala do Fernando sendo parte dessa conversa, parte dessa convergência de vida.

Fernando, você acaba de zerar tudo.

Desse encontro eu levo a tentativa falha do silêncio, os conceitos de Freud, o inconsciente do Jung, a coleção inteira de Harry Potter e Fernando, meu caos identitário.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por grande atuação me refiro aquelas que não apenas delineiam a forma e os traços gerais do personagem e dos acontecimentos, mas às que fazem com que a realidade, a experiência e a intensidade das emoções do personagem pareçam ter sido perfeitamente dissecadas por ele. Não é uma emoção mecanicamente reproduzida, mas algo que exista de verdade e esteja sendo criada pelo ator naquele momento particular e dividida conosco, o público. (STRASBERG, Pág 33, 1987)

Ler e praticar os métodos de Strasberg, estudar Jung, a teoria dos chakras, o funcionamento do coração, ouvir e assistir Diego, Vanessa, Haddad e Fernando. Auxiliam no processo de formar uma colcha de retalhos a partir de teoria e experiência.

Passar pela anatomia humana possibilita acesso a de que modo esse material complexo e funcional, que é o corpo, atua. Lincar psique e físico como ferramenta unificada, harmônica e integralizada é o caminho para o entendimento dos instrumentos do ator que perpassam consciente, inconsciente, material e imaterial.

As ferramentas de trabalho do ator em sua maioria são subjetivas, e estão no campo do não palpável, do sensível. Mas não por isso devem deixar de ser investigadas, pesquisadas e estudadas. A subjetividade e outras formas de epistemologias diferentes da ciência cartesiana, podem trazer possibilidades e gerar mais questionamentos, que alimentaram o fazer artístico e cultural.

A dúvida guiou essa pesquisa, o caminho se dava onde o questionamento estava, o que gerava mais e mais possibilidades para o perguntar. O caminhar do estudo foi orgânico, foi se dando conforme sendo feito, as pesquisas a partir de teóricos puxavam umas às outras, e quanto mais material se tinha, mais caldo de incertezas e decifrações surgiam.

A intuição faz parte da composição básica do ser humano. O material do inconsciente é o que tem de mais rico, mas também é intangível. Explorar esse território é mergulhar na base de quem se é enquanto indivíduo. O trabalho do ator e da atriz é justamente se conectar com o que tem de mais profundo, mais subjetivo, acessando o seu próprio inconsciente para entender a si e ao outro.

O explorar do material humano é infinito e modificável, desde que o mundo é mundo, o ser racional de mentalidade desenvolvida quer saber quem é, e como seu mecanismo funciona. Desde que o teatro existe, o artista da cena quer aperfeiçoar e desenvolver o seu fazer de modo singular e coletivo.

O desejo com essa pesquisa não é de resolução de questões, ou respostas para perguntas. E sim, gerar mais questionamentos, e pensamentos a respeito do que é matéria viva e subjetiva. A intuição é um campo potente e inesgotável. Portanto esse pesquisar não acaba aqui.

Esse estudo, justamente, convida o outro a compartilhar, questionar, pensar e construir junto a esse material. Como funciona a intuição pra você, artista? Como ela passa pelo seu corpo?

O texto espera ter contribuído com pesquisadores, atores e diretores em seu processo artístico e ter inspirado novas reflexões.

Que possamos seguir estudando o que não é visível, mas “sentível”.

11. REFERÊNCIAS

- BOECHAT, Wagner. **A Idéia Arquetípica do Corpo Sutil**. Instituto Junguiano do Paraná. 2017
- CASTRO, Fabiano S. e LANDEIRA-FERNANDEZ, J. **Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais**. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online]. 2011, v. 24, n. 4 [Acessado 6 Novembro 2022] , pp. 798-809. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400021>>. Epub 20 Jan 2012. ISSN 1678-7153. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400021>.
- CHEKHOV, Michael. **Para o ator**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CHUBBUCK, Ivana. **O poder do ator: A Técnica Chubbuck em 12 etapas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2ª edição, 2018.
- COHEN, Bonnie Bainbridge. **Sentir, perceber e agir: educação somática pelo método bodymind centering**. Tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: edições SESC SP, 2015.
- COHEN, Lola. **The Lee Strasberg Notes**. Routledge, 2010.
- DE LIMA, Fabiano Martins. **Neurocardiologia: uma nova abordagem da relação entre o coração e o cérebro, com a perspectiva de melhor elucidar e tratar doenças cardíacas**. 14º Congresso Nacional de Iniciação Científica. São Paulo, 2014.
- HADERCHPEK, Robson Carlos. **O ator, o corpo quântico e o inconsciente coletivo**. João Pessoa: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. 2015
- HARRIS, Judith. **Jung e o ioga: a ligação corpo-mente**. Trad. June Camargo. São Paulo: Editora Claridade, 2010.
- JUNG, C. G. (1921). **Psychological Types. The Collected Works of C. G. Jung**, Vol. 6, Bollingen Series XX.
- JUNG, C. G.; Franz, M-L.; Henderson, J. L.; Jacob, J. Jaffé, A. **O Homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1996.
- JUNG, Carl Gustav (1932) **The Psychology of Kundalini Yoga: notes of the seminar given in 1932 by C. G. Jung**. 2. ed. New Jersey: Princeton University Press, 1996. 127 p.
- JUNG, Carl Gustav. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1991.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. Trad. Maria Luiza Appy, Margareth Makray, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

KARAGULLA, Shafica; KUNZ, Dora van Gelder. **Os Chakras e os campos de energia humanos**. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Editora Pensamento, 2017.

LASCANI, Daniel. **Eixo Mente-Coração**. Psicologia.pt, 2020. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/ver_opinio.php?eixo-mente-coracao&codigo=AOP0502>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

MELE, Cláudia. **A produção de estados de presença através da metodologia Angel Vianna**. Rio de Janeiro: USU. 2019.

MICHAELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis).

MILLER, Joan P. **Livro dos chakras, da energia e dos corpos sutis**. São Paulo: Editora Pensamento. 2019.

MINDELL, Arnold. **O corpo onírico**. São Paulo: Summus, 1992.

O QUE É INTUIÇÃO?. SuperInteressante, 2016. Disponível em <<https://super.abril.com.br/comportamento/o-que-e-intuicao/>> . Acesso em: 31 de outubro de 2022.

PRIMEIRO MAPA 3D DE NEURÔNIOS DO CORAÇÃO REVELA COMPLEXIDADE DO ÓRGÃO. Revista Galileu, 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2020/05/primeiro-mapa-3d-de-neuronios-do-coracao-revela-complexidade-do-orgao.html>>. Visto em 31 de outubro de 2022.

REALE, G. (2002). **Corpo, alma e saúde: O conceito de homem de Homero a Platão**. São Paulo, SP: Paulus.

RICELLI, Izete de Oliveira. **Sincronicidade: dados e perspectivas**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2010

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. **Aspectos da relação cérebro-comportamento: histórico e considerações neuropsicológicas**. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 27, n. 82, p. 117-126, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 nov. 2022.

SAMPAIO, Cynthia. **Plexo solar: área de centramento, transmutação e passagem**. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: 31/10/2022.

SCHULTZ, Ron. **Sabedoria e Intuição**. São Paulo: Cultrix. 1996.

STRASBERG, Lee. **Um Sonho de Paixão: O Desenvolvimento do Método.** Tradução de Anna Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

TAKEDA, Eliane. **Os segmentos de couraça e os chakras.** In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. *Psicologia Corporal*. Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol. 14, 2013. Disponível em: Acesso em: 31 de outubro de 2022

12. ANEXO I - UM DIÁRIO COLETIVO

ANEXO - UM DIÁRIO COLETIVO

Como o diário de bordo foi muito importante para o nosso processo, resolvemos dar destaque a ele, aos nossos diários, ao nosso diário, e transformá-lo também em um diário coletivo, como parte que pode ser composta por outras pessoas, entre as linhas e espaços em branco, entre os espaços necessários para os impulsos.

Por este motivo convidamos Laurinha Carvalho e Mário Bergo para ler o diário e deixar os impulsos e intuições sobre as páginas do diário.

Esta é uma versão digital deste caderno coletivo para visualização e leitura.



Intuição como ferramenta no trabalho do ator:
O escambo de experiências
de quem está em cena hoje.



UM DIÁRIO COLETIVO



Acho que a intuição
chega pra mim naquela
primeira imagem que a
gente vê na cabeça
quando começa o
desenho



ou talvez seja
+ sobre a coragem
de escolher um
material e aonde
pousar o riscador

O resto é cena



DANÇAR COM
AS POSSIBILIDADES



DIÁRIO 1: A VIDA QUE ESTÁ DEBAIXO DAS PALAVRAS ESCRITAS.

No início do processo, ainda com muitos desejos e buscando caminhos para ir em busca das nossas questões, nos encontrávamos semanalmente para propor práticas que visassem um caminho em busca de entender a intuição na prática, pensamos em partir de poemas e criar, para nós a escrita poética tem muito a ver com o intuitivo, por mais que seja difícil dizer o que é isso, usamos também de práticas relacionadas ao Método, de Lee Strasberg [1987]. Discutimos muito sobre os pensamentos e definições de Jung [1921], para entender o que era isso que chamamos de intuição e sentimos tanto. Fomos para cena, para o improviso. Depois de um tempo e de algumas mudanças de caminho, decidimos que a troca sobre o assunto nos cairia bem, entender como o outro, outros fazem, sentem e pensam esse lugar, essa ferramenta. Após cada encontro documentamos com nosso diário de bordo como início de processo e seguimos nessa escrita após cada encontro com o outro, esses trechos se encontram aqui no início e também no final e talvez no meio e entre tudo. Talvez tudo seja um diário, de ver como o outro faz, para pensar como fazemos, como fazer. A intuição como ferramenta. Eu faço assim e você?



DIÁRIO DE BORDO ENCONTROS INICIAIS

Dia 1 - 28.06.2022

Diário Bianca

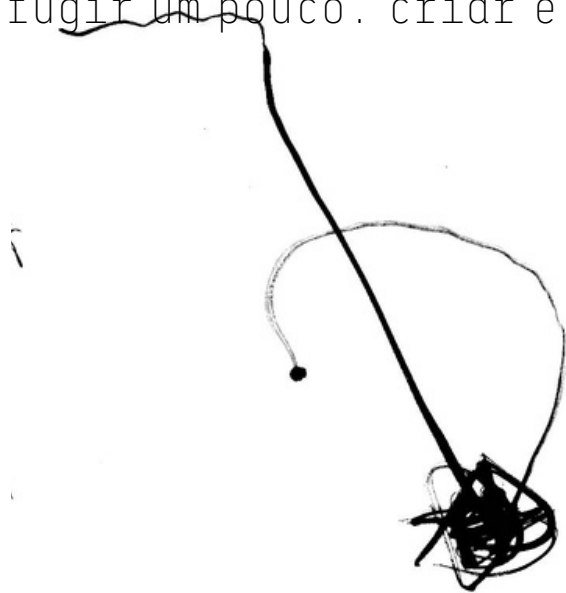
Memória é um negócio doido, transporta com o outro, o nosso, e pode transportar e não querer que transporte também.

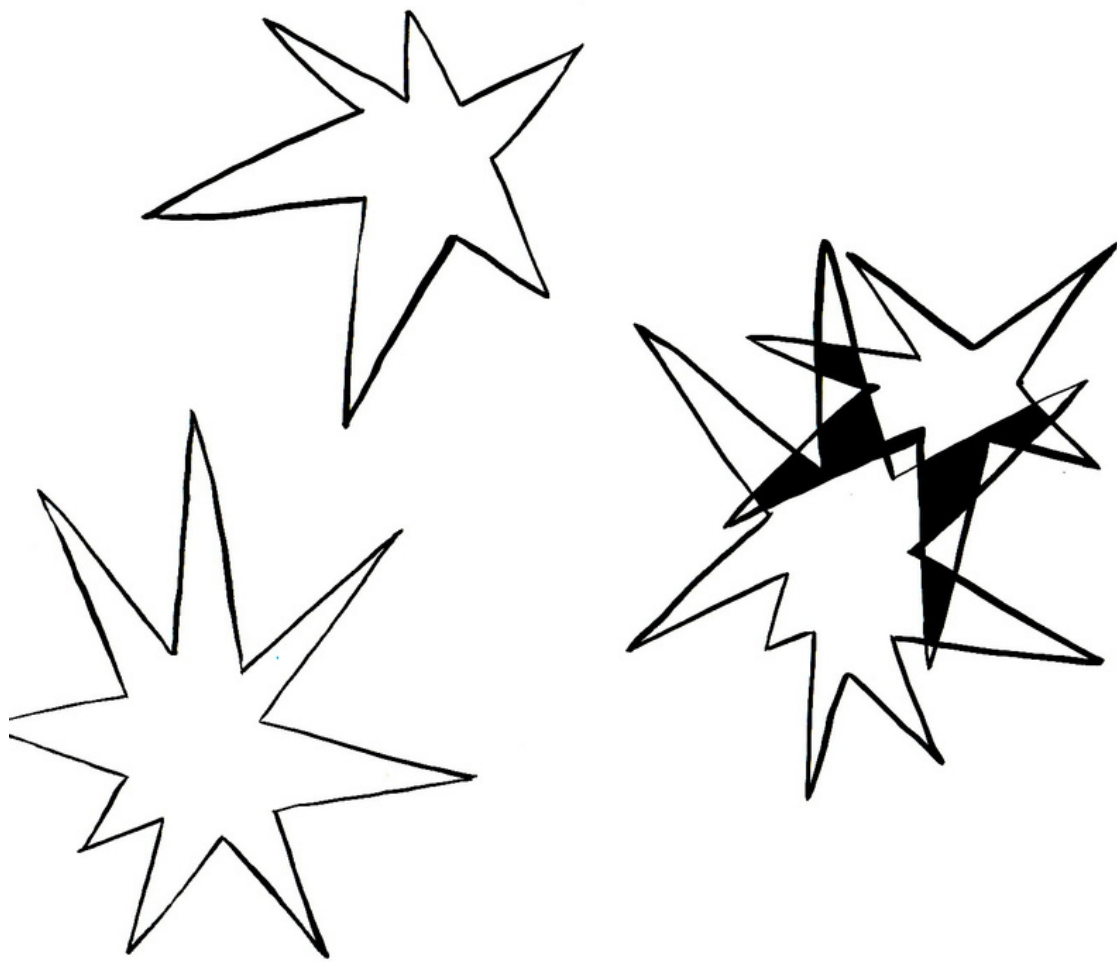
Como a gente escolhe e explora? Como a gente explora e escolhe?

Uma frase carrega muito porque eu coloco peso nela, coloco memória nela, história minha. Crio imagens.

Gosto de criá-las.

ler é imaginar e querer fugir um pouco. criar é ter que encontrar, eu acho.





Diário Babi

Lemos poemas e contos em prosa do Mallman e da Aline Bei.

Fiquei tentando pegar o ritmo dos sons, a coreografia que a junção das palavras propunha, que os autores propunham. Depois viajar, e inventar meu próprio ritmo, a partir do que aquelas palavras significavam para mim.

Aquele lance de trocar uma palavra do texto por outra inventada, criando poemas próprios, foi lindo. Bianca trocou a palavra "livro" por "tentativa" algo bateu em mim, foi a sincronicidade. Acho que o arrepio nos poemas tem a ver com a sincronicidade.

Dia 2 - 12.07.2022

Diário Bianca

Mostrei uma cena com água do texto da Aline Bei, são muitos copos com pequenas partes de água como a gente. “ quantas partes de mim eu deixei para que eu pudesse ser essa julia que sou hoje?” Tela e cena e eu. Às vezes eu não sei o que fazer, mas estar ali, fazendo me leva a lugares, é a resposta que vem do ali, do presente com o que eu preciso fazer.

Diário Babi

A cena da Bianca me lembrou Blueberry night do Kar Wai. Uma certa nuvem onírica, aqueles copos d'água e sua figura se dissolvendo em água sob a mesa.

Sobre os exercícios que fizemos com poemas:

Eu tenho vontade de repetir e repetir. A mesma frase pode se transformar. As possibilidades são uma combinação infinita.

As palavras têm formas. A dança é singular, é de quem fala.



Dia 3 - 19.07.2022

Diário Bianca

Babi mostrou uma cena com uma câmera ou arma, interação/ resposta com filme. Foi um sonho dela, mas foi poema de Francisco também.

a vida que está debaixo das palavras ditas.





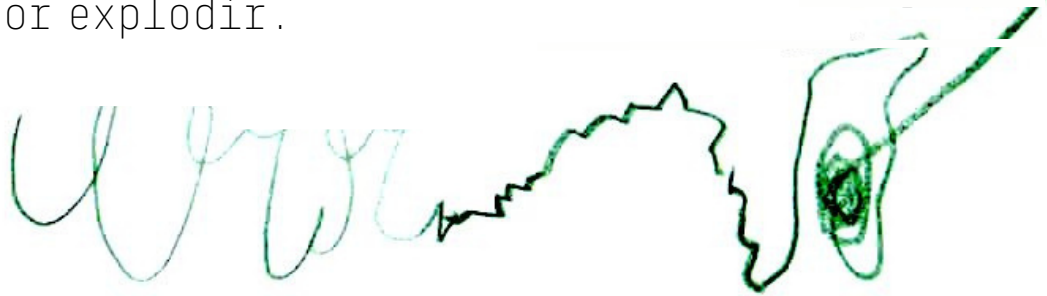
Diário Babi

Acredito que a intuição, ou seja aquilo que não foi ensaiado, premeditado, está sendo entendida enquanto acontece, é uma espécie de elaboração simultânea. Acontecimentos que só são permitidos e aflorados pelo instante, é a partir de uma abertura absoluta de cada célula para o entendimento do novo.

Dia 4 - 20.07.2022

Diário Bianca

A gente movimenta coisas constantes, em movimento, dentro e fora, o tremor, o formigar, o corpo e as questões, o dentro, da carne. A gente sente que vem? ou vem por não querer, liberdade do vir. A intuição passa pelo coração que acelera, por explodir.



Diário Babi

Tenho ido muito ao teatro ultimamente. Cláudia Abreu, Maria Manuela, Virginia Woolf.

Assistir às três irmãs essa montagem que consegue ser ousada e clássica ao mesmo tempo. Sei que parece contraditório, mas quando digo que é clássico me refiro a um certo respeito ao autor e o peso histórico do texto.

Bianca e eu contaminadas pelas possibilidades da dramaturgia resolvemos procurar um texto para que pudéssemos trabalhar em cima. "Dolores" nos encontrou, não poderia ser melhor. é psicanalítico, contraditório, daqueles que chora enquanto ri. A primeira leitura é pedir licença, entrar em novo território, é erro. Que delícia!



Dia 5 - 26.07.2022

Diário Bianca

A cumplicidade faz o jogo. Estar em conexão com alguém, no momento, sabendo a história e onde queremos chegar, dá espaço para todo o restante. Mas a conexão com a cumplicidade que faz o jogo. Somos simplesmente aquilo que a gente é mesmo, talvez por isso as coisas se misturem, entre o personagem e nós a intuição. Sou eu vivendo algo talvez um pouco distante de mim, mas sou eu em situações.





Diário Babi

Ensaiar sob o efeito de ter visto Maria Manuela em cena pela segunda vez.

O tempo dilata, fiquei com vontade de mais, muito mais.

Quanto mais nós passávamos o texto eu me desprendia de colocações ignorantemente pré articuladas.

Durante o estudo e entendimento da cena a sós. Cheguei a conclusão que evitaria olhar para Dolores durante a cena. Passar a cena na nossa sala gigantesca me permitiu executar essa ideia com facilidade. Propus então que fizéssemos a mesma cena, porém com um espaço delineado. Aí que o jogo começa.

Dia 6 - 06.08.2022

Diário Bianca

Nossa memória também inventa, na verdade nossa imaginação complementa nossa memória, memória de sensação, de objeto. É difícil não deixar nossa memória ser só imaginação, sair do fingir a ação para sentir, tem que deixar muitas coisas passarem e estar ali, buscando a sensação. A concentração acontece ali, quando eu me percebo e consigo retomar ao meu objetivo, ao aqui e agora. Para a sensação.

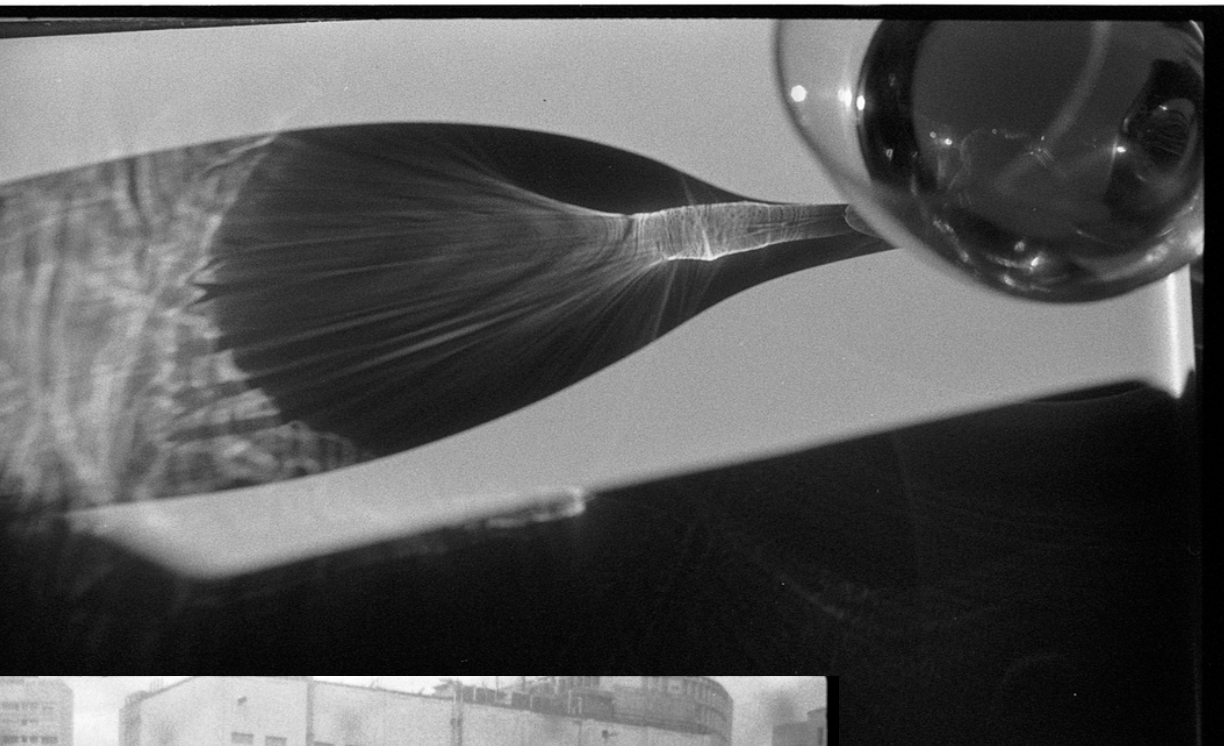
Diário Babi

Há tempos não fazia o treinamento. Lá em gramado, na oficina fazia uma espécie de relaxamento diário. Mas não era ativo.

O relaxamento ativo tem uma particularidade, eu silêncio a cabeça, a um nível quase dormindo e acordo meu corpo em um nível preparado para a urgência.

Fazer a memória sensitiva me faz acreditar nos monges budistas quando dizem que tudo tá na nossa cabeça, a gente é quem cria. Tá aí a bebida da manhã pra provar.





DIÁRIO 2: FALAR COMO QUEM BORDA E TOMA CAFÉ NO FIM DA TARDE

A intuição como ferramenta só é passível de entendimento sob os corpos, para teorizar sobre ela, é necessário uma consciência vívida de cena. Por esse motivo conversamos com atores e diretores bastante atuantes para trocar informações e sensações de como se dá essa intuição do processo criativo ao trabalho de cena. A intenção é que através desse intercâmbio de repertórios possamos investigar o que é e como acionar esse instrumento. De onde vem e por onde passa a intuição no corpo do ator. Pensar como a utilização da intuição reverbera no corpo/ mente dos artistas da cena e como isso pode ser trabalhado em experimentação e criações artísticas.

CARTA ABERTA AO DIEGO

Diego,

Às vezes, quase sempre, as coisas fogem da gente, do controle que achamos que temos, às vezes parece que fogem mas estão ao encontro. Penso na técnica, na importância dela e no quanto de vida estamos colocando nela. Às vezes, na verdade, de novo, quase sempre, olhamos para o outro mas vemos a gente. Olhar para a solidão do outro e ver a nossa, isso é um pouco de vida. Mas eu não sei da solidão do outro. Diego disse que uma diretora disse para ele “ Não importa o que você está pensando e vendo, você só precisa estar pensando e vendo” acho que a vida cabe aí e que isso é um pouco desse olhar o outro, eu nunca vou chegar na solidão do outro, verdadeiramente, mas chorar vendo alguém comer uma asa de frango projeta a sua solidão ali, seu medo, pois essa pode ser a maior cena de liberdade para alguém.



O nosso primeiro convidado foi Diego Machado. Ator que iniciou sua trajetória em São Paulo aos 25 anos de idade. Estudou com professores, em sua maioria vindos do CPT. Passou pela escola de Fatima Toledo, e de uns anos para cá se tornou bastante atuante na cena teatral. Em 2016, participou dos espetáculos LEITE DERRAMADO, adaptação da obra de Chico Buarque e O BALCÃO, de Jean Genet, com a Cia Club Noir. Em 2017, esteve em cartaz com o espetáculo A TARTARUGA DE DARWIN, de Juan Mayorga, com direção de Mika Lins.

Em 2020/2021 participou de leituras encenadas como Memórias do subsolo, Louco no oco sem beiras e Porta Retrato, dirigidas por Mika Lins, para o canal virtual do Sesc São Paulo. No mesmo ano, atuou no teatro-filme Gaivota, da Cia BR116, com direção de Bete Coelho e Gabriel Fernandes.

Em 2022 esteve em cartaz com Play Beckett, uma pantomina e Três Dramáticos de Samuel Beckett, com direção de Mika Lins.

No audiovisual protagonizou em 2021 o longa-metragem Eu sou mas eu, com direção de Fabio Zanoni e participou da série Coisa mais linda da Netflix. Também em 2021 atuou em Money Dopers e Marcha a ré, com direção de Beto Macedo, que lhe rendeu a indicação como melhor ator no festival "Tietê film awards".

Conversa com o ator Diego Machado:

O que é intuição para Diego:

A intuição seria como devo agir em determinado momento. Creio que há uma rapidez de resposta para isso. E a execução disso tem a ver com a intuição.

Diego coloca a intuição no trabalho do ator como uma idéia, e questiona se ela sempre indica o melhor caminho:

Talvez a intuição não significa que dê certo, né? Talvez em um processo de ensaio, por exemplo, você tenha uma intuição naquele momento , um 'eu farei isso dessa forma.'E talvez não dê certo. Mas aí você tem outro momento. Uma outra intuição, 'talvez deva fazer de outra forma'. E também não deu certo. Até que, em algum momento a junção de todas aquelas intuições que não deram certo, casa com algo que deu certo. Seria essa intuição que deu errado também parte da intuição que deu certo? Não sei..."

Ouvir a intuição é ousar nas escolhas? é correr riscos?

"Por exemplo, eu às vezes penso muito em casa, estudando alguns textos. Já aconteceu muito de chegar e bater na mesa é falar assim,

'entendi assim que faz esse texto'. E eu cheguei em cena e a direção fala assim:

Por que você fez isso com essa personagem? Não está legal. E é doido porque eu tinha confiado tanto na minha ideia. Então eu acho que eu sou mais medroso, porque eu acho que quanto mais você experimenta e confia na ideia, mais você está entrando nesse processo. Dessas intuições que não deram certo. Talvez seja mais gostoso chegar nesse outro lugar. E eu acho que eu sou mais medroso, porque eu tento correr menos risco, né? Eu acho que eu tento correr menos risco.

A intuição vem da experiência? Diego questiona o lugar das certezas:

Eu acho que a ideia de que a gente vai aprendendo à medida que a gente vai tendo experiência, as coisas vão ficando mais claras...Não sei se isso funciona comigo. Eu acho que eu vou tendo mais dúvidas e acho ótimo. Eu vou tendo muito mais dúvidas a respeito de como fazer, de como criar. Qual a melhor resposta para isso? Como confiar em mim? Confiar nas pessoas que você está trabalhando?

A sensação do corpo em cena, e a abertura como canal para vida:

Tenho uma sensação de vibração no meu corpo quando estou em cena, quase uma insegurança mesmo, aquele primeiro passo que você dá dentro daquela coxia, é um ponto sem retorno. Se expor num palco, na câmera, esse segundo sabe que você dá espaço e tem muita vida lírica, muita vida. E poucas vezes a gente sente isso e vive isso.

Considerações sobre a conversa com Diego Machado:

Diego chora emocionado enquanto imita uma senhora comendo frango a passarinho. E isso se quer foi o ponto alto de nossa conversa. Ele é um daqueles acontecimentos que muda o destino das coisas, a dinâmica da conversa e a energia do ambiente. Pra melhor, sempre.

Se Diego fosse uma notícia de jornal seria uma daquelas reportagens natalinas envolvendo crianças e cachorros, comove quem lê. Se fosse um vídeo no youtube seria o que assisti impactada no ensino médio, a vida marinha acontecendo em câmera lenta com villa lobos ao fundo. Se Diego fosse um conto seria A terceira margem do rio, isso porque ele me apresentou Guimarães.

Diego foi nosso primeiro entrevistado. Eu venho estudando Jung há semanas, diariamente. E a partir de leitura, muita imaginação e conversas com a Bianca cheguei a lugares, conclusões, dúvidas, pude delinear o que é intuição, ou o que eu acho que é intuição, pelo menos no trabalho do ator. Diego vem para quebrar essas suposições e alguma possível certeza. Destrói com elegância a maioria das coisas que eu delinee sobre o que seria esse conhecimento intuitivo para o ator. Me faz pensar, pensar e pensar.

Diego define intuição como um impulso de ação.

"Minha relação com a intuição seria em determinado momento quando algo aconteceu você precisa agir de alguma forma, isso é intuição."

Mas ele afirma que usar dessa ação de desejos internos não significa necessariamente que dê certo, que aquela ação seja a resposta acertada. Diego considera intuição como resposta imediata do corpo. O que me pega de jeito, me faz inverter lógicas de pensamento, é que para ele essa resposta não necessariamente é a correta. A intuição também erra? De onde vem essa atitude de resposta imediata?

"Que cena incrível. Sabe por que? Porque eu não sei o lugar em que ela tá. Não sei se isso é feliz, se isso é doloroso, eu sei que isso é humano. Porque se 10% do que a gente sente tem nome, esses outros 90% é o que fica na goela."

Frase do Diego enquanto falava da força do não dito, do não psicologizado, do "não sei". Esse 90% não dito me parece que é o que não foi racionalizado, algo que está totalmente presente, no inconsciente. Jung diz que o inconsciente pessoal é composto por cenas muitas vezes reprimidas pelo indivíduo. O que me faz prontamente relacionar com o movimento intuitivo. Um conhecimento não racionalizado, não dito, mas que está lá, totalmente presente.

"O ator em cena é uma cabeça pensante. Há vida". "E na vida, ainda há muito".

Na vida há muito. Muito do não visível, imaterial, irracional e desconhecido. Esses 62 minutos de troca com Diego me deixou com vontade de ir com tudo no que não tem nome.



CARTA ABERTA AO PEDRO HADDAD

Haddad,

É engraçado como algumas pessoas nos lembram da necessidade. Que técnica é importante para caramba! Mas definitivamente o acontecimento existe em um espaço inexplicável. Acontecimento mesmo. A gente se apoia em coisas, na técnica, na prática, mas pra deixar ela coexistir com a vida, para acontecer de forma fluida. Se eu me aproprio de verdade, ela estará presente. Então a resposta é só racional? Dá pra separar a intuição do dia a dia da intuição cênica, elas se atrapalham?

Se intuição é impulso de ação, eu entendo ela quando me atravessa o corpo?

Nossos nós são camadas, que se atravessam entre racional e intuitivo, se o racional vem da cabeça o intuitivo deve poder vir do coração, que responde antes de chegar nesse outro lugar.

O impulso só vem, talvez, pelo controle dessas outras camadas. Não buscar repetição e sim ação do meu eu presente. ativo. conectado.



Pedro Haddad Martins, fez teatro desde pequeno, mas já durante sua graduação em jornalismo, descobriu que era possível ser ator profissional e iniciou concomitantemente um curso profissionalizante em artes cênicas pelo Célia Helena e junto com outras pessoas da mesma escola fundou em 2000 a CIA Elevador de Teatro Panorâmico. Haddad trabalha como ator, produtor, professor e também é pesquisador. A CIA é ativa desde então, e vem realizando diversos trabalhos.

Conversa com Pedro Haddad:

O que é intuição para Pedro?

"O que é intuição dentro de uma questão cênica, a gente trabalha muito com esse conceito quando a gente trabalha com improvisação. E eu já conversei muito sobre isso quando eu fiz um espetáculo chamado efigênia, que era um espetáculo que era inteiro improvisado, então todos os 9 atores, sabiam o texto de todos os personagens e a hora, o jogo que proporciona a oportunidade para você ser escolhido ou escolher ser a personagem, e essa escolha, às vezes a gente chamava ela de intuição, porque de uma maneira a intuição vai te levar para um determinado caminho e outras duzentas milhares de opções vão ser deixadas de fora. Então a intuição vai te levar a fazer um recorte, uma escolha. E quando a intuição é uma intuição treinada. Porque tem essa questão também, a intuição, quando a gente fala na intuição dentro do teatro é interessante falar em ferramenta. Eu acho que ela é uma ferramenta. Porque ela tem utilidade. No sentido grande da palavra, ela vai servir a atriz, o ator, dentro da proposta, dentro de qualquer proposta. E aí a intuição ela pode ser treinada, porque não adianta nada você intuir que você vai

fazer uma coisa muito interessante e não tiver meios de realizar aquilo que sua intuição te deu como uma faísca de alguma coisa que aconteceu na hora. Então, quanto mais você estuda, trabalha, treina, mais elementos você vai ter para que quando a sua intuição apitar, você consiga realizar aquilo que ela propôs, dentro do jogo que está sendo realizado. E aí ela vai sendo treinada, porque eu vou começando a intuir mais potentemente conforme eu vou tendo experiência. Porque as vezes minha intuição dá errado, não é sempre que você intui uma coisa que vai dar certo, ainda mais quando você está em um jogo de improvisação.

E você vai treinando sua intuição para perceber, através do contexto que você está uma questão sensível mesmo. Mas envolve um treinamento. Perceber o que seria legal você intuir naquele momento e sua intuição vai trazer todo repertório que você tem técnico, repertório de vida e vai colocar a serviço daquilo, dentro de uma questão teatral, de comunicação enfim, depende do tipo de teatro. Mas quando vocês falaram de intuição, me ocorreu a questão da improvisação e aí a intuição pode ser uma linguagem, mas ela pode ser também um meio. Quando eu falo improvisação a gente pode estar trabalhando através de questões exemplarmente realistas. Que quando for a público, não vai parecer um trabalho improvisado

porque foi muito ensaiado, a tentativa é repetir com a mesma qualidade sempre. A Intuição vai aparecer nas escolhas antes do espetáculo. No ensaio. Então a intuição é você escolhendo a todo momento, que ações tomar esteticamente, toda hora, você vai intuindo, quanto mais experiência você tem mais a sua intuição vai dar conta daquilo que você imagina e que a cena precisa.

Intuição e pensamento racional são opostos?

é uma coisa e outra, acho que é tudo junto. Não é uma coisa divina, é uma coisa que você tem porque a experiência fez você intuir. Acaba sendo uma escolha. É racional, mas também envolve uma coisa, sensorial, subjetiva. Porque existe uma sensibilidade quando você está em cena, na relação com o outro, tem a luz, tem o público, tem o dia que você está, então tem uma questão sensível que é subjetiva.

Pedro se considera uma pessoa intuitiva, tem uma relação particular com a intuição?

Não. Pensando nisso eu consigo separar a Intuição como ferramenta/ técnica, porque eu tenho intuição, quando eu tô improvisando, a

intuição que eu falei. Mas na minha vida eu não sei se eu tenho muita intuição não, acho que eu tenho mais sorte.

O que precisa para treinar essa intuição?

A gente sabe que inspiração também não é divino, intuição pode ser uma inspiração momentânea talvez, ela não é divina, pra você ter uma inspiração, para algum cientista, se a gente for fazer de uma maneira mais cartesiana, para um cientista ter uma inspiração, ele precisa ter estudado muito, para conseguir chegar, para o van gogh ter uma inspiração, ele tem que ter a inspiração, mas ele já soube usar o pincel, ele já sabe qual é a tinta, tela, ele já treinou, ele sabe qual é a mistura de cor e aí ele tem a inspiração.

A intuição erra?

Não, ainda mais quando você está jogando coletivamente, porque se duas pessoas tem uma intuição muito brilhante e elas são confrontantes, de maneira que não faz o jogo ir para frente e aí, alguém tem que ceder, mas aí pode ser um jeito que também deu errado, ou você simplesmente faz uma coisa que não reverberou, em ninguém, nem em você nem nas pessoas que estão com você no palco, nem na plateia, ninguém.

A Intuição o imprevisível e impulso de ação.

A intuição se traduz em ação, pra ela existir, pra mim isso vai acontecer nos ensaios, porque aí o objetivo vai ser, você tentar reproduzir aquele brilho da primeira intuição que deu certo.

Qual parte do corpo você acha que a intuição passa?

Eu acho que é completamente cerebral. Acho que é uma coisa e outra mas primeiro passa pelo cérebro aí depois você sente em outros lugares. Eu acho.

Você separou a sua intuição no seu trabalho de ator e a do dia a dia, o que é a sua intuição do dia a dia?

A intuição do dia a dia é melhor hoje eu sair de guarda chuva, mas eu não olhei o tempo. Acho que hoje não vai ser um dia muito legal, acho melhor, não levantar, essas coisas do dia a dia, talvez você tenha uma superstição, ou em outro momento já aconteceu, tem a ver com a experiência, mas essas são as intuições do dia a dia. Ou aquelas, eu to sentindo que eu deixei o gás ligado, daí eu volto do estacionamento porque eu já deixei o gás ligado alguma vez.

Ou pensei em tal pessoa e aí ela me liga no dia seguinte, porque tem uma coisa meio mística também da intuição, como se fosse uma previsão, talvez.

Acho que a intuição é quase a fronteira do racional e do não racional. Porque se a intuição for completamente racional é uma inspiração divina, é um talento eu nasci com isso e aí é meio inspiração para que, qual o contexto a gente está pensando a inspiração, onde?

Considerações a respeito da conversa com Pedro Haddad:

Pedro não se considera uma pessoa intuitiva, mas intui a todo tempo.

A conversa não foi presencial, foi online. E isso diz muito sobre o tempo das coisas. O encontro durou aproximadamente 38 minutos, em uma segunda-feira, após o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, um dia depois do meu aniversário. E isso também revela muito sobre o tempo e as coisas.

Pedro fez um espetáculo inteiro improvisado. Ifigênia. Penso que era um mar aberto de escolhas dos impulsos intuitivos a cada sessão.

Esse repertório quase semanal de improviso, ouvir a si, tomar decisões em cena e dar certo, depois se ouvir, tomar mais decisões e dar muito errado o leva a entender intuição como escolha.

"A intuição é você escolhendo a todo momento que ações tomar esteticamente"

Haddad fala de treinamento da intuição, e de seu uso enquanto ferramenta. A intuição pode ser treinada! Como? Como treinar essa ferramenta subjetiva?

"Quanto mais você estuda, trabalha, treina, mais elementos você vai ter para que quando a sua intuição apitar você consiga realizar aquilo que ela propôs."

Treinar a sensibilidade é um caminho para potencializar essa ferramenta, segundo Pedro. A Intuição tem a ver com repertório técnico e de vida. A ação intuitiva surge como uma faísca, uma ideia. A decisão de ouvi-la e externalizá-la, ou não, é uma questão sensível, e treinável. Considerando que o treinamento do ator é o ensaio do subjetivo, do sensível e não palpável.

"O trabalho do ator é repetir aquilo que um dia já foi intuição."

"A sua intuição pode dar errado, aí você vai treinando para perceber no contexto que você está se aquela ideia funciona. é uma questão sensível mesmo"

Depois de alguns minutos de conversa já estava em um estado de espanto com a objetividade e a clareza a respeito da ferramenta que Pedro tinha delineado. Fiquei achando ele objetivo, me senti intimidada. Perguntei se intuição e pensamento racional são opostos.

Ele me disse que é uma coisa só, racional e sensorial, subjetiva.

Haddad fincou meus dois pés no chão com força, me mostrou que intuição não é inspiração, dividido, ou onírico. Intuição é trabalho, é experiência.

Bianca pergunta se ele se considera uma pessoa intuitiva.

"Na minha vida eu não tenho muita intuição não, eu tenho mais sorte"

E que sorte!



CARTA ABERTA A VANESSA

VANESSA,

te ouvir foi como acessar um encontro com tudo que senti, tudo que pensei do sentir, foi estar de cara com o que se passa aqui, em mim, como se explodisse um monte de coisas e pensamentos, de sentimentos transpassados por palavras, parece que você estava ali ouvindo nossas conversas, como uma mosquinha, os pensamentos que vão de encontro que movem tanto quanto os que vão para o lado oposto.

O racional não anula o intuitivo, é o caminho de passagem, de impulso de ação, assim como o racional às vezes vai por lugares que são escorregadios, outras vezes é até bom escorregar. Eu me estruturo para dar mais espaço e caminhos para o inconsciente brincar, dançar, respirar. Respirar como caminho, para trazer e levar. É memória inconsciente, é coração, caixa torácica e um pouco de rio, na verdade pode ser barragem, primeiro é muita água junta e depois a água toda segue ali mas você controla diferente.



Vanessa Bruno é atriz, diretora, pesquisadora e arte-educadora, se formou em cinema pela FAAP e é mestre em Artes Cênicas pela USP, suas pesquisas e interesses dialogam cinema, literatura e teatro. Durante muitos anos participou do CPT, primeiro como atriz e depois começou a ministrar aulas para atores no curso Introdução ao Método do Ator CPTzinho. Ganhou alguns prêmios como: "Prét-à-Porter 9" (Prêmio Shell - categoria especial) 2008 e 2006 "Pedra do Reino" (Prêmios Bravo!Prime, APCA e Contigo!).

Conversa com Vanessa Bruno:

O que é a intuição para você?

A intuição para mim é algo muito forte, e ela é uma voz concreta que é como se fosse uma guia por dentro. Porém, não é ela que é estruturante do meu trabalho. Então eu estruturo meu trabalho para não precisar dela, mas é ela que movimenta tudo, o que eu acho curioso. Eu acho que tem aí um paradoxo. Eu saio de casa para uma aula, para um ensaio, ou como atriz para adentrar aquele jogo com outros atores ou para conversar com a direção com um preparo. Eu não saio pensando 'deixa eu ver o que a intuição vai me guiar'. Eu organizo: quais procedimentos eu vou usar neste trabalho, como vou organizar o passo 1, o passo 2, o passo 3... se esse passo falhar o que eu tenho na manga? Ou numa aula, como vou começar, como vou terminar, aonde quero chegar, qual o meu objetivo, que exercícios eu tenho, que exercícios faço se faltar muita gente. Eu vou estruturada, e com essa estrutura eu coloco em jogo a intuição. Então eu não tenho a obrigatoriedade de fazer o que eu me programei, mas eu tenho uma combinação, uma preparação, uma organização.

Eu gosto de estar com o processo organizado, documentado num caderno, fichadinho. Mas eu chego e também recebo aquele ambiente, e isso para mim é estar aberta à intuição,

que é essa voz guia interna que você vai ouvindo também. Você vai com duas mãos, uma ali para receber e outra com uma proposta. Mas não há só a proposta, há uma mão aberta ali também para receber. E eu acho que esse receber tem a ver com a escuta, a escuta do ambiente, a escuta de quem tá te trazendo, a escuta dos outros, e a escuta também disso que eu acho que a gente pode chamar de intuição. Poder se ouvir. Para mim [a intuição] tem a ver com uma escuta interna mas também estar muito atento ao externo e aos outros, mas que eu não sou dependente, porque tem uma programação que para mim é muito clara. Eu não fico achando que todo trabalho vai ser guiado pela intuição, mas me vejo também sendo muito guiada por ela.

Eu vejo o quanto sou intuitiva no sentido de 'vou por aqui porque acho que aqui que vai', e aí não preciso ficar amparada no que eu já preparei. E aí é uma coisa muito muito subjetiva e muito particular. Então para mim é uma voz, uma conversa minha comigo mesmo que vem muito rapidamente - não é algo que eu faça algum esforço - mas é uma escuta, uma escuta para mim mesma, e dá essa sensação de conexão, de estar ali com o externo, com os outros, mas também muito com você. Para mim essa conversinha interna é a intuição: vai por aqui, por aqui não, essa música não é. Como você pode explicar uma coisa dessas? Porque é uma questão de sensibilidade?

Essa vizinha que te fala vai por aqui, ela sempre acerta?

Na verdade eu acho que é um acerto que não necessariamente é para o mundo ou para o outro, mas encaixa na sua sensibilidade. Então o acertar seria acertar na sua sensibilidade ou até na sua expectativa. Porque às vezes você está vendo uma cena ou um ensaio e você tem uma expectativa e entra um elemento e seu corpo reage. Há uma reação que é física, corporal e que seu corpo sente e diz: é isso. Então não sei se acerta ou se é uma sensibilidade que encaixa ou até supre uma expectativa que é atmosférica, você não consegue nem dizer o que é, mas chega aquele elemento e você diz: é isso. Ou quando você está propondo procedimentos para construir uma cena e vem uma imagem que te chama e você diz 'olha, isso!'. Esse 'olha, isso!' é também uma teatralidade, quando desperta um interesse. Esse interesse é o que me chama a atenção, muda meu estado corporal e é também o que eu entendo por intuição. A intuição dizendo 'aqui, vem por aqui'. Mas depois de 10 ensaios aquilo também já se transformou em outra coisa. Então aquele encaixe, que não é exatamente um acerto,

um determinado dia ou determinado momento e talvez ele floresça em alguma coisa. Ou também já tive cenas trazidas no primeiro dia do ensaio que viraram a última cena do espetáculo e eu sabia: 'isso daí é a última cena do espetáculo'.

O Peter Brook falava de uma ideia amorfa. Quando ele foi fazer A TEMPESTADE, ele disse que a primeira imagem que veio foi um jardim japonês. Agora, porque disso, ele não saberia explicar, justificar, fazer um texto. Ele foi falando isso para as pessoas e aí vinham referências. No final, ele foi retirando esses elementos e ao assistir o espetáculo disse para si mesmo: 'ah, isso é um jardim japonês!'. Então aquela primeira ideia que ele foi seguindo e se desfazendo no final estava ali de alguma maneira no final. Então eu acho que temos uma intuição ou ideia amorfa que tem a ver com um 'ah, é isso' que não tem muito como justificar, mas que vamos encontrando os porquês daquilo ao nos cercamos de materiais teóricos ou filosóficos.

Meus trabalhos têm muitas justificativas: precisa disso? Está compondo ou não? Qual o objetivo disso? Para convencer sobre o que? Mas também tem muito de 'eu quero que seja assim, gosto. Eu acho que o 'gosto' também tem que ser respeitado e tem um papel importante, que diz sobre nossa sensibilidade, vontades, desejos que nem sempre são conscientes e que portanto nem sempre podem ser explicados.

Guidi, quando termina uma obra escreve: 'você pode me dizer o que essa obra diz. Porque eu não sei tudo que a obra diz. Porque eu gostaria de saber o que eu coloquei ali sem saber, aquela parte do inconsciente que me agradaria chamar parte de Deus'. Há uma parte que não precisa justificativa, que nos tocou, que bateu na nossa intuição.

Se você disse que é possível educar a intuição, como se dá isso?

Eu acho que a gente educa a intuição, da mesma forma que a gente educa também a sensibilidade. Uma forma de fazer isso, por exemplo, é se cercando de referências. Uma pessoa que tem 18 anos e tem um tanto de referência, suas experiências de vida formam um arsenal de referências, dá um composto. Se você vai ampliando suas experiências você vai aumentando esse composto. O Antunes Filho dizia muito dessas referências, uma hora aquilo vira e faz parte do teu inconsciente, e então aquilo aumentou seu repertório. Isso vai te dando ferramentas para pensar as cenas e isso te transforma, e vai podendo te gerar outra intuição. Se você não tem esse repertório a tua intuição não se abre ali.

Se ela é um rio, ela navega dentro do que você vai iluminando, dentro do que você vai acessando.

Não acho também que é só quem tem acesso a um repertório cultural é que tem intuição. Não é que uma coisa ampute a outra. Mas o repertório cultural pode ampliar o seu acesso a, naquele momento, resolver uma cena, ou uma movimentação ou uma criação de gestual, ou de uma dança ou fazer conexões que, se você não tem, você não faria. E você fala 'ai, foi minha intuição': foi minha intuição ligada a um repertório, que você vai educando ao longo dos anos. E mesmo quando você faz exercícios como de se lembrar dos sonhos ou exercícios de se autoconhecer, se auto pesquisar, coisas vão se abrindo e você deu uma cama para isso ir se abrindo. Tudo é repertório.

Se você fosse dizer um lugar onde a intuição passa, onde você diria? Um lugar onde você sente mais no seu corpo.

Eu acho que tem uma coisa meio cardíaca mental, uma coisa que tem a ver também com respiração. Esse aspirar, aspiração... você inspira, respira, inspira e expira e aquilo vai abrindo sensações. O oxigênio que passa no seu corpo todo ele te transforma e ele te traz uma nova conexão, uma nova sinapse. Quanto mais você respira mais caminhos vão se conectando. Então também acho que é científico.

E também acho que quanto mais o corpo está relaxado e com os os poros sensíveis, no sentido de disponível, poroso, estar passando ar nos poros, mais eu acho que esse campo da intuição se abre, no sentido de intuir, se deixar fazer novas sinapses. Não tinha aquilo, aí faz um novo caminho elétrico dentro do meu cérebro que eu acho uma coisa. Então como eu vou iluminando outras partes para poder ir caminhando de um outro jeito. Então também tem essa coisa de se preparar, respirar, tem a ver com aquecer, se colocar a vontade naquele espaço. Fazer perguntas, que eu acho que tem muito a ver com a intuição.

Esse tipo de coisa vai abrindo e eu acho que aí vai no corpo, talvez acenda mais esse lugar do cardíaco-cabeça.

Quando você está dirigindo você consegue perceber o ator tomando uma decisão intuitiva?

Na verdade eu gostaria que os atores estivessem assim em toda cena. Eu vejo que eles não estão quando ele começa a fazer perguntas do que ainda virá. Aí eu respondo assim: 'experimenta'. É algo que eu falo assim 50 vezes durante o ensaio. Essas perguntas completamente racionais me dizem que já não está em experimentação.

Quando ele [ator] está em estado de experimentação aí gruda tudo: a intuição, a ideia, novas coisas, o tempo, o aqui agora, respiração. Porque aí ele não tá querendo saber de antemão como ele acerta, ele está no jogo. E quando está no jogo você não tem o que dizer. Porque um tanto de coisa na nossa obra estava presente, fazia sentido, estava vivo. Agora, quando não está lá no jogo é que se esvazia a experiência e você se vê pensando.

E nós temos muitas camadas, e nunca vamos ignorar o texto ou a dramaturgia, mas esse estar 'aqui agora' é fundamental. E o novo só vem com o 'aqui e agora'? Como é possível se colocar nesse estado presente no meio da repetição?

Eu adoro a programação, mas o que vale é estar presente fazendo isso naquela experiência, naquele estar aqui e agora. O Antunes Filho, por exemplo, na época do CPTzinho, chamava a programação não de partitura mas de 'estações'. Então você estabelecia suas estações, e uma estação pode ser você estar sem gesto nenhum, estar ali e olhar alguma coisa, pode ser uma cor, uma música - não é uma situação, é uma estação. De uma estação para outra existe uma navegação, e essa navegação quem dá é a respiração. E pode ser um milésimo de segundo, mas essa respiração deixa vir.

Essa respiração interfere no real, é uma ação que está acontecendo naquele momento presente, uma ação que interfere nas suas moléculas, na do outro, naquele dia naquele estado. E há também o que é você naquele dia, que não é o que você era um minuto atrás. Isso para mim é a mesma coisa que o Zé Celso fala sobre atuação ou ato: quando eu vou lendo outras pessoas vou vendo que, de alguma maneira cada um tem sua nomeação e seu modo de explicar, mas todos chegam nesse lugar de estar vivo, presente, fazendo aquela ação concreta no aqui e agora e interferindo com mais ou menos ficção, amparando ou não. E a respiração está entre essas estações e nos conecta com algo muito concreto: 'eu to vivo aqui'.

O Jung fala no seu trabalho sobre a sincronicidade, e estávamos supondo que a intuição pudesse ter a ver com a sincronicidade, uma ação que foi gerada pelo acaso. Como é a sincronicidade no seu trabalho?

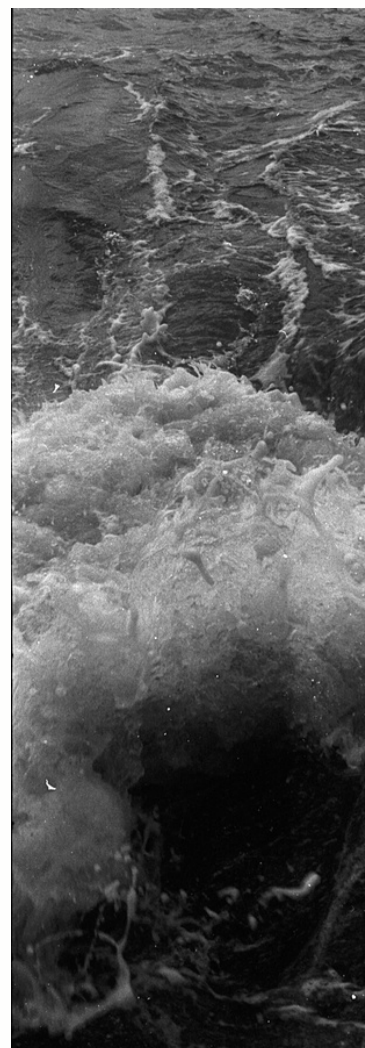
Não é algo que eu controle, como 'hoje vai acontecer uma sincronicidade'.

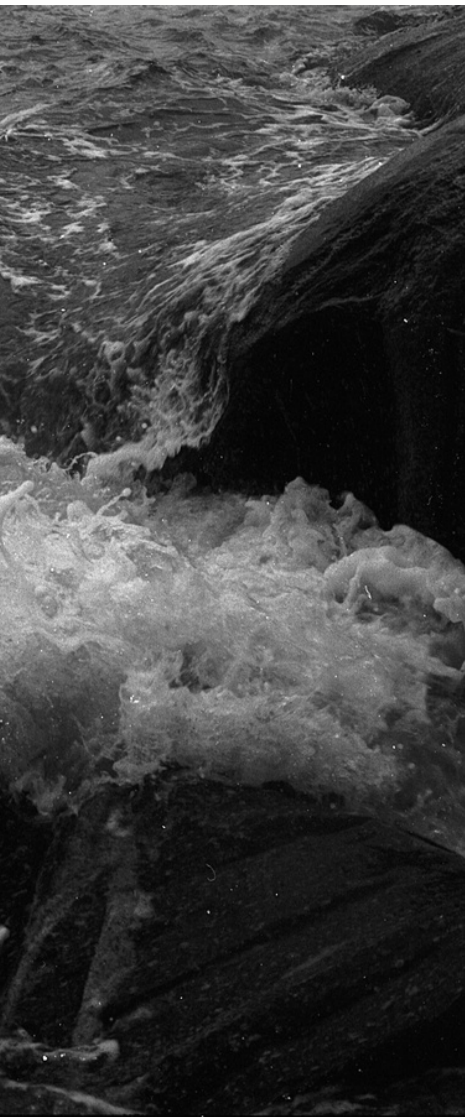
Mas eu acho que a gente abre caminho, abre campo para que, quando ela venha, também estejamos abertas a perceber e receber. Então eu acho que é no sentido de estar atento e preparado. Como dizia o Peter Brook, você sai todo dia para pescar, se você pesca o peixe dourado... talvez ele não venha, mas você sai, pescou, tirou a escama, trabalhou... Eu acredito muito no trabalho, ainda que você esteja completamente disponível e aberto para receber e perceber a intuição e a sincronicidade. É preciso poder trabalhar sem depender inteiramente dela, há uma estrutura que precisa dar conta do aqui e agora. Então eu espero perceber as sincronicidades quando aparecerem, que estejamos abertas a percebê-la e a sacar. Às vezes está lá e a gente não pegou.

Você acha que intelectualização e fluxo são coisas opostas? E onde está a intuição nisso?

Eu não acho que há o mental e há o intuitivo. Eu acho que há dias nos quais estamos mais intuitivos, mas também trazemos a intuição mais pra consciência, para estrutura. Há dias que estamos muito conscientes, chegamos lá e não dá nada certo ou dá, e aí a intuição aparece de um outro jeito. Eu não acho que é só uma coisa ou outra. Eu acho que é uma conversa, não acho que é só uma coisa ou outra.

Então eu não acredito que tal artista seja muito mental e tal outro seja muito intuitivo, acredito que há dias e vezes nos quais as coisas se estruturam mais de uma ou outra forma. Em muitas coisas consideradas mentais há tanto de intuição, de coisas não conscientes. E eu acho que isso é bonito do trabalho de vocês, que a intuição é diferente para cada um, e então surge a pergunta de 'como a gente descobre a nossa própria intuição? Como a gente acessa? O que a gente faz para estar relaxado, tranquilo ou ativo para essa intuição estar fluindo em mim?'





Considerações a respeito da conversa com Vanessa Bruno:

Vanessa e Clarice, a força do sensível e quem eu quero ser.

Vanessa me fez pensar na delicadeza, despretensão e fertilidade da transmissão oral, falar como quem troca receitas, como quem borda e toma café no fim da tarde, esse escambo de experiências de quem está em cena hoje.

Vi Vanessa em cena com o Livro dos prazeres, não antes do nosso encontro, mas depois. Pude perceber não antes ou depois, mas durante o encontro que Vanessa está tomada de Clarice Lispector, repleta do seu campo amorfo e sensível.

Guia interno, assim que ela define intuição a partir de sua experiência. E diz que é preciso escuta e “canal aberto” para o recebimento deste guia.

"Não é ela que é estruturante do meu trabalho, no entanto é ela que movimenta tudo. Um paradoxo."

A intuição se dá através da abertura para o recebimento do que vem do ambiente, e do outro, para Bruno a intuição é um diálogo interno, é uma auto escuta .É a beleza do “canal aberto”.

Dia 30 de Novembro de 2022, um dia antes da conversa com Vanessa eu fui pra rua, e tive uma significativa elaboração do que é o amor. Identifiquei justamente como um canal, que se aberto permite a ação. Já tinha lido sobre como as plantas se alimentam e que o movimento no processo de fotossíntese tem a ver com a energia do amor. Mas entendi na prática, após o segundo turno das eleições presidenciais, quando pisei na rua, que o amor é força, faz movimentar e tem inteligência. O amor é do campo do sensível, bem como a intuição.

Assim como Clarice, Vanessa coloca a inteligência do sensível na esfera do visível, do quase palpável. Ela trata de assuntos internos e subjetivos com uma intimidade que acolhe.

"A intuição é quando há uma conexão e imediatamente o corpo reage, é uma sensação física, seu corpo reage, é isso!"

Ela diz que intuição tem a ver com sensibilidade, é subjetiva e particular. E usa do conceito de idéia amorfa de Peter Brook, para afirmar que essa imagem sem forma, que é a ideia, parece estar no território do intuitivo.

"A gente tem uma intuição ou uma ideia amorfa, não sabe explicar muito o porquê, que tem a ver com interesse, tem a ver com bateu na sensibilidade, meu corpo reagiu, a gente não sabe explicar. Depois a gente vai atrás das justificativas."

Meus momentos preferidos da conversa são quando Vanessa cita Kazuo Ohno ,Peter Brook ou Antunes Filho de cabeça, com ponto, vírgula, exclamação e intenção. Acho bonito como esses pensadores-atores passaram por ela, e ficaram.

Ela diz que o processo intuitivo do ator pode ser treinado. Através de ampliação de referências e repertórios culturais que permitem a dilatação da visão de mundo.

"Se a intuição é um rio, ela navega a partir de onde você vai iluminando e acessando."

A intuição é cardíaca mental [Ela diz isso enquanto faz um gesto com a mão subindo do peito, passando pelo pescoço, e parando no topo da cabeça.] E tem a ver com a respiração.

"Quanto mais você respira mais caminhos vão se conectando, porque as sinapses são feitas pelo oxigênio que passa ao organismo".

No dia 30 de novembro, ainda no carro, antes de chegar nas ruas, ouvi o discurso do presidente eleito e junto a meus amigos soltei um suspiro aliviado pela boca. Uma expiração que estava sendo segurada há tempos, que vinha de uma inspiração feita há 4 anos. Soltei, foi aí que oxigenei todo o corpo possibilitando o canal aberto para a intuição e o amor.

CARTA ABERTA AO FERNANDO

Nando,

Uma vez ousaram dizer pra gente que o racional era o mais importante, mais importante que o intuitivo, disseram que o intuitivo erra, mas o racional não erra também? Se eu fosse boa em matemática, ousaria fazer uma porcentagem, se usamos muito mais o racional, é ele que tem mais erro, não é?

Já ousaram dizer tantas coisas, a gente ousa dizer demais e racionalizar tudo que atravessa, na verdade, não que atravessa, pois eu fico pensando que as coisas que atravessam a gente, param a gente de uma forma boa, porque fazem a gente só sentir aquilo e depois que processamos. A intuição, que é essa ação, gera impulso e depois a gente tenta entender aquilo que nos moveu. Nando, a arte e o vejo que eu vejo em você e no seu fazer arte, realmente podem ser um exercício pra intuição, eu também sinto. Aciona um lugar que movimenta outras coisas na cabeça, no corpo.

Aqueles acessos todos que misturam todas as coisas que a gente já viu de arte e nos atravessou. Isso me lembrou de um sonho, que na verdade eu sonhei porque enquanto eu ouvia uma orquestra minha cabeça se encheu de imagens, eu queria começar a fazer arte ali, mas não pude, aí eu sonhei com tudo que quis fazer naquele momento. Arte movimenta as partes mais subjetivas que existem na gente. Movimenta sonho e também é treino também.



Fernando Alves Pinto é ator, músico, marceneiro e yogue. Começou a carreira no teatro, fazendo algumas peças no LaMama (Nova York), incluindo uma participação em um espetáculo de Molière. Entrou em uma companhia de teatro físico, em que a base é mímica e protagonizou o filme “Terra Estrangeira” (1994), de Walter Salles e Daniela Thomas. Recentemente, atuou em produções significativas como as séries “Sentença” (2022) de Anahí Berneri / Marina Meliande (Amazon) e nas duas temporadas de “Hard” de Rodrigo Meirelles (HBO). No cinema esteve em “Vou Nadar Até Você” (2020) com direção de Klaus Mitteldorf e “Legalidade” (2019) de Zeca Brito, entre outros trabalhos. No teatro participou do espetáculo “A Vida em Vermelho” (2018) com direção de Bruno Perillo; musical “Cartas de Amor” (2012); “A Mulher Que Ri” (2008). Atuou em filmes como “Nosso Lar” (2010); “Dois Coelhos”, de Afonso Poyart (2009); “A Via Láctea” (2007);

“Araguaya – A Conspiração do Silêncio”, de Ronaldo Duque e em “Quase Dois Irmãos”, de Lúcia Murat (2004). Curtas-metragens fez “Negócio Fechado” (2001), de Rodrigo Costa e “Quatro Minutos” (1997), de Sérgio Volpi (prêmio de ator nos festivais de Brasília e Gramado).

Recortes da entrevista com Fernando:

A intuição é muito mais que o raciocínio:

A intuição é uma percepção além do pensamento. Uma percepção independente do raciocínio, mais sensível do que o raciocínio permite. Minha intuição, ou talvez a intuição, seria os eventuais acessos que a gente tem a uma iluminação dessa. É como se se abrisse uma tela para se enxergar além, se enxergar além do que se pensa, do palpável. A intuição são iluminações.

São ouros que aparecem. Quando eu tive aquele acidente eu lembro de ter alguns momentos, coisas que eu sabia, não por um raciocínio, mas que eu sabia. Meu pensamento, estava cansado, danificado então não tinha o pensamento na frente. Logo o que eu tinha eram percepções.

O silêncio como ferramenta para treinar a intuição:

Uma vez que a gente começa a dizer que aquilo lá é um copo, aquilo ali deixa de ser o que é para ser um copo. Isso daqui deixa de ser o que é para ser uma almofada verde. O nome da almofada fica antes do que ela é.

O raciocínio é o dono da verdade, e a gente deixa de ver as coisas, porque as coisas já estão classificadas, não são o que são, são o que a gente está dizendo, que elas são o que disseram para a gente que elas são. Então. O que é intuição? Quando ultrapassa essas prisões aí que a gente tem no raciocínio? São como exercícios. Exercícios de contemplação. Que a cultura oriental tem muito mais que a nossa.

Prezar o silêncio, a contemplação, o silêncio desse computador (raciocínio) que não cala a boca. Tem as práticas para isso, a meditação, por exemplo, ou yoga, a arte marcial. Coisas que partem do silêncio para poder enxergar. E a intuição vem como flashes porque conseguimos escapar da prisão da cabeça. Outra forma de silenciar é através do consumo de arte. Arte é meditativa. Ler também é meditar. Porque te força a ver as coisas por um outro ponto de vista, por outro lado, de outra forma, expande.

A cena é meditação:

A arte é um campo que propicia isso? (A intuição) Sim. Sem dúvida. Mas também depende do quanto você está presente. Cada repetição que a gente faz é impulso infinito para onde você pode desenvolver, cada peça é infinita para onde você vai. Não é tão claro para mim.

Pode parecer um pouco confuso para mim. A ideia que eu tenho de inspiração é a de intuição. Então faria sentido a intuição em cena. Porque deve estar aberto a ela. Estar em cena é estar intuindo as coisas. O divertido da intuição são flashes maravilhosos que a gente permite que chegue. E quando se tem uma disciplina do silêncio pode te fazer ficar independente do seu raciocínio, colocar o raciocínio no lugar dele como só uma ferramenta. O raciocínio é uma ferramenta que nem um alicate. Não, ele não é o dono da verdade, ele pode te mostrar alguma coisa, mas você tem outras ferramentas.

Quando se está em cena concentrado, parece que você entra em um lugar em que tudo flui e funciona, quando você está concentrado, você está aberto, você não está preso nas suas preocupações. Você está com um canal aberto, a mente limpa.

O Palco é seu corpo:

Quando se está aberto, tem essas iluminações você sente que seu corpo é o palco inteiro e o seu corpo é tudo, é parte do corpo. A intuição se sente no seu corpo todo, e muito além, integrado com o todo.

Intuição é maior que o conceito de intuição:

A intuição é superior a divisão de consciência e inconsciência, ela está no supraconsciente.

Considerações a respeito da conversa com Fernando Alves Pinto:

Fernando fala mal de psicanálise, e eu defendo Freud. Crítica Harry Potter, eu digo que é minha literatura de infância. Ele medita e resolve as coisas com calma, eu não consigo passar por um conflito sem pelo menos três surtos e mudanças de opinião repentinas. Fernando ainda vai zerar tudo.

Acontece assim, a gente é quem a gente é, que é uma mistura do que falaram pra gente que a gente é, e do que a gente realmente é, parece confuso, eu sei, mas a gente fica sendo essa confusão. Então de repente a gente encontra uma outra confusão, outro ser que desconfia que sabe quem é. A gente se apaixona, as nossas confusões se apaixonam, os "a gentes" que pensam que sabem quem são se apaixonam. E então viramos uma terceira coisa, o que a gente era, o que nós somos, e o que transformamos o outro a ser.

Esse é o encontro do amor, que zera tudo. A harmonia perfeita do caos identitário.

Fernando disse que uma vez que a gente fala que um objeto é determinado objeto, ele passa a ser essa nomeação e não o próprio objeto.

"As coisas não são o que são, são o que disseram pra gente que elas são."

Segundo Fernando a intuição pode ultrapassar esse conceito da nomeação da coisa, pois é uma percepção além do pensamento, independente e muito mais que o raciocínio, é sensível, e eventual, é o enxergar além do palpável.

Fernando ficou dias no que não é palpável, em coma depois de um acidente, e isso pauta sua visão de mundo. Ele se refere ao período, enquanto um momento em que o raciocínio não era rei. Um momento de relaxamento cerebral e descoberta de possibilidades. Quando pergunto como esse período ficou no seu corpo, ele responde "Como silêncio".

O silênciar da cabeça, esse é um caminho que é proposto por ele para o acesso ao intuitivo.

"Os exercícios de contemplação permitem e geram aberturas para essas iluminações. O silêncio é a chave. A intuição são flashes de lucidez, que a contemplação e o silêncio podem dar acesso".

O consumo de arte é forma de meditar, segundo Fernando, ler é meditar, há mergulho, há profunda concentração e aprofundamento se constante e sem interrupções. A arte é forma de silenciamento, de estado observativo. Possibilita outros pontos de vista e expande o pensamento.

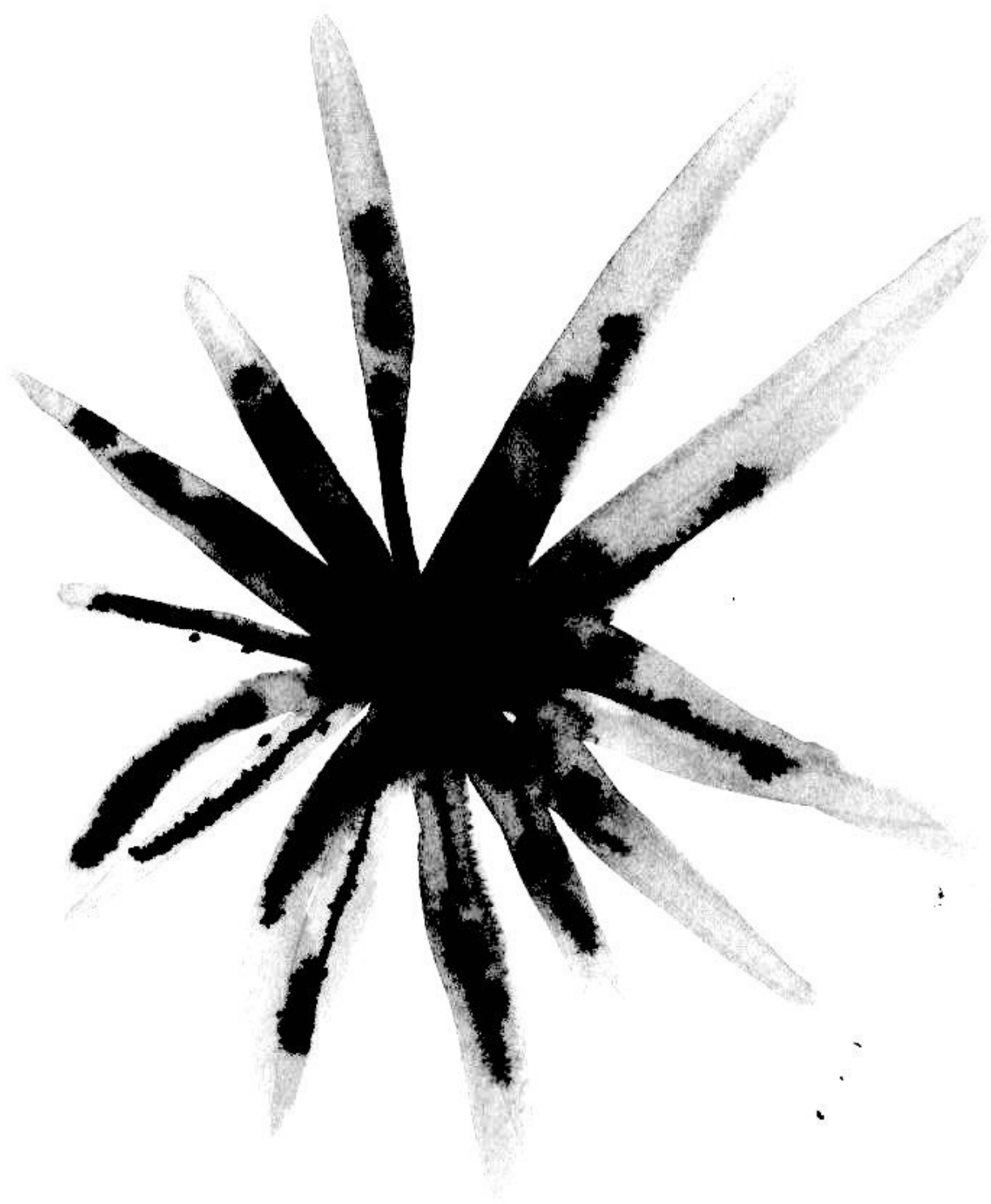
Logo eu que sempre gostei de arte, e pensei demasiado, eu que às vezes acho impossível silenciar o raciocínio. Que vivo cheia de pensamentos esbaforidos e incompletos me perturbando de minuto a minuto. Eu que acho que as coisas são os seus nomes, e que vivo de apelidos. Logo eu, me vejo em uma quinta feira a noite sentada no tapete colorido no chão da sala do Fernando sendo parte dessa conversa, parte dessa convergência de vida.

Fernando, você acaba de zerar tudo.

Desse encontro eu levo a tentativa falha do silêncio, os conceitos de Freud, o inconsciente do Jung, a coleção inteira de Harry Potter e Fernando, meu caos identitário.







As ferramentas de trabalho do ator em sua maioria são subjetivas, e estão no campo do não palpável, do sensível. Mas não por isso devem deixar de ser investigadas, pesquisadas e estudadas. A subjetividade e outras formas de epistemologias diferentes da ciência cartesiana, podem trazer possibilidades e gerar mais questionamentos, que alimentaram o fazer artístico e cultural.

A dúvida guiou essa pesquisa, o caminho se dava onde o questionamento estava, o que gerava mais e mais possibilidades para o perguntar. O caminhar do estudo foi orgânico, foi se dando conforme sendo feito, as pesquisas a partir de teóricos puxavam umas às outras, e quanto mais material se tinha, mais caldo de incertezas e decifrações surgiam.

A intuição faz parte da composição básica do ser humano. O material do inconsciente é o que tem de mais rico, mas também é intangível. Explorar esse território é mergulhar na base de quem se é enquanto indivíduo. O trabalho do ator e da atriz é justamente se conectar com o que tem de mais profundo, mais subjetivo, acessando o seu próprio inconsciente para entender a si e ao outro.

O explorar do material humano é infinito e modificável, desde que o mundo é mundo, o ser racional de mentalidade desenvolvida quer saber quem é, e como seu mecanismo funciona. Desde que o teatro existe, o artista da cena quer aperfeiçoar e desenvolver o seu fazer de modo singular e coletivo.

O desejo com essa pesquisa não é de resolução de questões, ou respostas para perguntas. E sim, gerar mais questionamentos, e pensamentos a respeito do que é matéria viva e subjetiva. A intuição é um campo potente e inesgotável. Portanto esse pesquisar não acaba aqui.

Esse estudo, justamente, convida o outro a compartilhar, questionar, pensar e construir junto a esse material. Como funciona a intuição pra você, artista? Como ela passa pelo seu corpo?

O texto espera ter contribuído com pesquisadores, atores e diretores em seu processo artístico e ter inspirado novas reflexões.

Que possamos seguir estudando o que não é visível, mas “sentível”.





EU FAÇO ASSIM, E VOCÊ?

